



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV)  
BACHARELADO EM DESIGN DE MODA

CAMYLLA ALEXANDRE NUNES SILVA

**MODA PETITE: DO ESTUDO À PRÁTICA NA CRIAÇÃO DE UMA COLEÇÃO  
EXCLUSIVA PARA CORPOS PETITE**

**Goiânia – GO**

**2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Camylla Alexandre Nunes Silva

Título do trabalho: Moda Petite: do estudo à prática na criação de uma coleção exclusiva para corpos petite

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Camylla Alexandre Nunes Silva, Discente**, em 19/01/2026, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorena Pompei Abdala, Professora do Magistério Superior**, em 26/02/2026, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5916880** e o código CRC **39E6FE78**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.060830/2025-24

SEI nº 5916880

**CAMYLLA ALEXANDRE NUNES SILVA**

**MODA PETITE: DO ESTUDO À PRÁTICA NA CRIAÇÃO DE UMA COLEÇÃO  
EXCLUSIVA PARA CORPOS PETITE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação a Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Design de Moda

**Orientador(a):** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lorena Pompei Abdala

**Goiânia – GO**

**2025**

Ficha de Catalográfica

Silva, Camylla Alexandre Nunes Moda Petite [manuscrito] : Do estudo a prática na criação de uma coleção exclusiva para corpos petite Camylla Alexandre Nunes Silva. - 2025. CXXXV, 135 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Lorena Pompei Abdala. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Design de Moda, Goiânia, 2025. Bibliografia. Anexos. Apêndice. Inclui fotografias, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Moda petite. 2. Mulheres petite. 3. Mulheres de baixa estatura. 4. Moda inclusiva. I. Abdala, Lorena Pompei, orient. II. Título.

CDU 391



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e cinco dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Moda Petite: do estudo à prática na criação de uma coleção exclusiva para corpos petite”, de autoria de Camylla Alexandre Nunes Silva, do curso de Design de Moda, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lorena Pompei Abdala - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Adair Marques Filho (FAV/UFG) e prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Carmello Cunha (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de (9,5) nove e meio , tendo sido o TCC considerado ( **aprovada**).

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marina Carmello Cunha, Professor do Magistério Superior**, em 21/01/2026, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adair Marques Filho, Professor do Magistério Superior**, em 21/01/2026, às 12:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorena Pompei Abdala, Professora do Magistério Superior**, em 26/02/2026, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5808642** e o código CRC **97BF96A5**.

À minha mãe, que atravessou estradas difíceis  
para que o meu percurso fosse mais leve.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a oportunidade de realizar este curso, pela força e pelas condições que me permitiram ingressar, permanecer e concluir a graduação. Sou imensamente grata por cada detalhe preparado por Ele ao longo dessa trajetória e por ter guiado meus passos para que tudo desse certo. Em seguida, expresso minha profunda gratidão à minha mãe, que foi a primeira e muitas vezes a única a acreditar em e na minha escolha profissional. Enquanto muitos duvidaram do meu caminho no Design de Moda, foi ela quem me apoiou, me encorajou e me impulsionou a seguir em frente. Agradeço por sua força, por todos os sacrifícios feitos para me oferecer o melhor e por ser exemplo de coragem e dedicação.

Agradeço também a todos que fizeram parte da minha caminhada acadêmica. À minha tia Maria Lúcia, por ter me socorrido sempre que precisei, por me orientar na costura e na modelagem, por nunca medir esforços para me ajudar e jamais me negar apoio. Agradeço ao meu namorado, pelo cuidado constante, por todo suporte e por se esforçar sempre para me ver bem. À minha prima querida, Clara Cristina, pelo empenho em me ajudar na etapa final deste trabalho. À minha amiga de tantos anos, Júlia, agradeço por toda motivação, pela parceria de sempre, mesmo com as mudanças e rumos diferentes que a vida trouxe. Sou grata por ter me emprestado o material necessário para a realização deste trabalho e pela paciência em me ajudar com o desenho digital. À faculdade, aos professores que compartilharam conhecimento e contribuíram para a minha formação, deixo meu reconhecimento e gratidão. E às amigas que construí ao longo do curso, especialmente Rafaela e Jéssica, agradeço pela amizade, parceria, pelos trabalhos compartilhados e por terem se tornado pessoas especiais que levarei para a vida.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta jornada. A lista poderia ser muito maior, mas meu coração guarda cada gesto, palavra e apoio recebido.

## RESUMO

Este trabalho investiga as dificuldades enfrentadas por mulheres de baixa estatura no consumo de moda e analisa como a ausência de produtos adequados às suas proporções afeta sua experiência de compra e seu sentimento de representatividade. Embora esse grupo corresponda a grande parte da população feminina brasileira, o mercado nacional ainda oferece poucas opções voltadas ao público petite, revelando um descompasso entre demanda e oferta. Para compreender esse cenário, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, reunindo referências teóricas sobre moda e corpo, estudos antropométricos e princípios de ergonomia e modelagem aplicados a mulheres de menor estatura. O estudo também avalia o mercado brasileiro, identifica lacunas no desenvolvimento de peças e observa como fatores estéticos e funcionais interferem na percepção e satisfação das consumidoras. A partir dessa análise, elabora-se uma tabela de medidas específica para o público petite, que orienta a criação de uma coleção autoral composta por 10 looks fundamentada nas necessidades levantadas. Um questionário aplicado às consumidoras complementa os dados, subsidiando decisões de design e construção das peças prototipadas. Os resultados evidenciam a importância de ampliar a presença da moda petite no país, reforçando sua relevância para a inclusão, a diversidade e o aprimoramento das práticas de design no setor do vestuário

**Palavras chaves:** Moda petite, Petite size, Mulheres de baixa estatura.

## ABSTRACT

This study investigates the difficulties faced by women of short stature in fashion consumption and analyzes how the lack of products proportionate to their bodies affects their shopping experience and sense of representation. Although this group represents a significant portion of the Brazilian female population, the national market still offers few options targeted at petite women, revealing a mismatch between demand and supply. To understand this scenario, the research adopts a qualitative and exploratory approach, bringing together theoretical references on fashion and the body, anthropometric studies, and principles of ergonomics and patternmaking applied to women of shorter stature. The study also evaluates the Brazilian market, identifies gaps in the development of garments, and examines how aesthetic and functional factors influence consumers' perception and satisfaction. Based on this analysis, a specific measurement chart for the petite public was developed, guiding the creation of an authorial collection grounded in the identified needs. A questionnaire administered to consumers complements the data, supporting design decisions and the construction of the prototyped garments. The results highlight the importance of expanding the presence of petite fashion in the country, reinforcing its relevance for inclusion, diversity, and the improvement of design practices within the apparel sector.

**Keywords:** Petite fashion; Petite size; Short-stature women.

<b>Figura 43</b> - Paleta de cores da coleção autoral .....	88
<b>Figura 44</b> - Silhuetas trabalhadas na coleção.....	91
<b>Figura 45</b> - Coleção Urban Pearl .....	94
<b>Figura 46</b> - Look Avelle.....	95
<b>Figura 47</b> - Look Céline .....	97
<b>Figura 48</b> - Look Maelle.....	99
<b>Figura 49</b> - Look Élise.....	101
<b>Figura 50</b> - Look Loré .....	103
<b>Figura 51</b> - Look Órine.....	105
<b>Figura 52</b> - Soline .....	107
<b>Figura 53</b> - Look Inorie .....	109
<b>Figura 54</b> - Look Alvéé .....	111
<b>Figura 55</b> - Look Melise .....	113
<b>Figura 56</b> - Macacão Élise (ensaio da coleção).....	116
<b>Figura 57</b> - Look Céline (ensaio da coleção) .....	117
<b>Figura 58</b> - Look Avéle (ensaio da coleção).....	118
<b>Figura 59</b> - Look Orine (ensaio da coleção) .....	119
<b>Figura 60</b> - Ensaio Urban Pearl .....	121
<b>Figura 61</b> - Ensaio Urban Pearl .....	122
<b>Figura 62</b> - Ensaio Urban Pearl .....	123
<b>Figura 63</b> - Ensaio Urban Pearl .....	123
<b>Figura 64</b> - Ensaio Urban Pearl .....	124
<b>Figura 65</b> - Ensaio Urban Pearl .....	124

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Tradução livre do gráfico “Number of times petites were mentioned in wwd 1900-2010” .....	8
<b>Gráfico 2</b> - Percentual de mulheres de baixa estatura que relatam dificuldades para encontrar roupas adequadas ao corpo.....	79
<b>Gráfico 3</b> - Estilos de roupas mais difíceis de encontrar em proporções adequadas ao corpo petite.....	80
<b>Gráfico 4</b> - Peças mais difíceis de encontrar de acordo com as participantes.....	80
<b>Gráfico 5</b> - Estilo de vestuário que melhor representa as participantes .....	81
<b>Gráfico 6</b> - Preferência das participantes quanto ao uso de peças lisas ou estampadas.....	81
<b>Gráfico 7</b> - Frequência com que as participantes realizam compras de vestuário ...	82

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Comparativa de medidas do tamanho 34 segundo ABNT (2021) e marcas nacionais petite. ....	59
<b>Tabela 2</b> - Comparativo de medidas e modelagem de calças das marcas analisadas .....	67
<b>Tabela 3</b> - Medidas corporais das participantes (cm). ....	71
<b>Tabela 4</b> - Resultados da aplicação dos percentis antropométricos ao público feminino petite. ....	73
<b>Tabela 5</b> - Medidas de circunferência autoral (busto, cintura e quadril).....	75

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 MODA E CORPO FEMININO</b> .....	<b>16</b>
<b>3 CONCEITO E HISTÓRIA DA MODA PETITE</b> .....	<b>18</b>
3.1 A CONTRIBUIÇÃO DE HANNAH TROY.....	22
<b>4 A MODA PETITE NO CONTEXTO BRASILEIRO</b> .....	<b>26</b>
<b>5 ANTROPOMETRIA, ERGONOMIA E MODELAGEM PARA MULHERES DE BAIXA ESTATURA</b> .....	<b>29</b>
5.1 PRINCIPAIS PROBLEMAS DE CAIMENTO EM CORPOS PETITE.....	32
<b>6 CONSUMO DE MODA E AUTOESTIMA</b> .....	<b>37</b>
6.1 PESQUISA DE CAMPO.....	37
<b>7 MERCADO E MODA INCLUSIVA PETITE</b> .....	<b>58</b>
7.1 ANÁLISE COMPARATIVA DAS MEDIDAS .....	60
7.2 ANÁLISE DE PEÇA COMPARATIVA.....	61
<b>8 PROPOSIÇÃO DE UMA TABELA DE MEDIDAS AUTORAL PARA O VESTUÁRIO PETITE</b> .....	<b>68</b>
8.1 METODOLOGIA DA TABELA .....	69
8.2 COLETA DE DADOS... .....	70
8.3 APLICAÇÃO PRÁTICA DA FÓRMULA DE CÁLCULO.....	71
8.4 TABELA DE MEDIDAS DE CIRCUNFERÊNCIA .....	74
<b>9 LEVANTAMENTO DE DADOS: APLICAÇÃO</b> .....	<b>76</b>
9.1 TIPO DE PESQUISA .....	76
9.2 JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA .....	76
9.3 DELINEAMENTO .....	77
9.4 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO .....	77
9.5 RESULTADOS PRELIMINARES .....	77
<b>10 ANÁLISE DAS PERGUNTAS PRINCIPAIS DO FORMULÁRIO</b> .....	<b>78</b>
<b>11 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE COLEÇÃO</b> .....	<b>78</b>
11.1 PÚBLICO-ALVO .....	83
11.2 CONCEITO DA COLEÇÃO .....	84
11.3 PLANEJAMENTO DA COLEÇÃO.....	85
11.4 ESTUDO DE FORMAS .....	87
11.5 PALETA DE CORES .....	88
11.6 PESQUISA DE TENDÊNCIAS .....	89
11.7 SILHUETAS UTILIZADAS.....	91

11.8 ESTUDO DOS PRINCÍPIOS DE PROPORÇÃO E ILUSÃO ÓPTICA NA MODELAGEM PARA MULHERES DE BAIXA ESTATURA .....	92
<b>12 RESULTADOS FINAIS .....</b>	<b>94</b>
<b>13 PROTÓTIPOS DA COLEÇÃO <i>URBAN PEARL</i> .....</b>	<b>115</b>
13.1 LOOK 1.....	115
13.2 LOOK 2 .....	115
13.3 LOOK 3 .....	116
13.4 LOOK 4 .....	117
13.5 ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO DE PROTOTIPAÇÃO.....	118
<b>14 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE A- Formulário Sobre Moda petite.....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO A- Tradução Do Obituário De Hannah Troy.....</b>	<b>133</b>

## ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO DE PROTOTIPAÇÃO

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a indústria da moda adotou padrões corporais que frequentemente não representam a diversidade física das consumidoras, promovendo modelos específicos como ideais de beleza, muitas vezes excludentes ou inalcançáveis para grande parte da população. Um dos públicos marginalizados por essa lógica é o das mulheres de baixa estatura, denominadas *petite* na terminologia da moda, expressão utilizada internacionalmente para designar mulheres com proporções corporais menores e que representam um segmento específico dentro da indústria do vestuário.

Segundo dados levantados no período entre os anos de 2009 até 2017 pelo Projeto SizeBR (Estudo de Caracterização Antropométrico Brasileiro), via SENAI CETIQT3 (BASTOS; SABRÁ, 2014), 85% das mulheres abordadas mediam abaixo de 1,64m, o que indica que, apesar de representarem uma parcela significativa da população, essas mulheres ainda enfrentam dificuldades em encontrar roupas que se adequem às suas proporções físicas como será mostrado adiante neste trabalho. Diante deste cenário, e em razão da crescente valorização da diversidade corporal na moda e da mobilização por uma indústria mais inclusiva, segmentos específicos surgiram e vêm ganhando espaço como o Plus Size e o Petite Size, que buscam desafiar os padrões tradicionais e atender às demandas de públicos historicamente invisibilizados.

A moda *petite size* — foco de análise deste trabalho — refere-se a um segmento voltado especificamente para mulheres de estatura mais baixa, geralmente com até 1,63 metro de altura. No entanto, essa referência não é fixa, pois algumas marcas e autores consideram *petite* mulheres somente com menos de 1,60 metro, enquanto outras ampliam esse limite até 1,65 metro. O termo *petite*, de origem francesa, significa “pequena”. Dessa forma, essa vertente do vestuário trabalha com foco na adaptação das proporções corporais, considerando as especificidades anatômicas de mulheres com baixa estatura, a fim de oferecer funcionalidade sem abrir mão da estética.

Segundo Martin (2023), a moda *petite* surgiu por volta das primeiras décadas do século XX, quando algumas marcas estadunidenses passaram a produzir peças com tamanhos adaptados para mulheres de estatura reduzida (cerca de 1,60 metro de altura). Embora não tenham sido encontradas fontes ou dados precisos que

confirmem como se deu a chegada desse segmento ao Brasil, infere-se, com base em observações da autora, que a moda petite tenha sido introduzida no país de forma gradual a partir da década de 2010, impulsionada pela globalização e pelo crescente foco na diversidade de corpos.

Nesse contexto, surgiram algumas marcas autorais nacionais com foco neste vestuário, contudo, o segmento ainda não está consolidado no Brasil, o que torna escassa a oferta de roupas adequadas para esse público. Diante desse cenário, levantam-se questionamentos: por que o mercado da moda nacional ainda oferece tão poucas opções ao público feminino petite? E como essa ausência afeta a experiência de consumo e a percepção de representatividade dessas mulheres? Nesse sentido, ampliar a presença da moda petite no Brasil configura-se como um passo importante para a promoção da inclusão e da diversidade no vestuário nacional.

Dito isso, este trabalho justifica-se pela ausência de iniciativas voltadas a esse grupo no mercado e pela necessidade de representatividade e inclusão no setor da moda. Ao compreender as necessidades e as principais queixas das mulheres petite, o estudo pode contribuir para o desenvolvimento de coleções adequadas a esse público e, adicionalmente, promover o fortalecimento da comunicação entre marcas e consumidoras. Ademais, observa-se uma escassez de pesquisas e trabalhos acadêmicos no Brasil que abordem o tema com profundidade, assim como a pouca discussão sobre o assunto em outros canais de divulgação.

Este estudo buscará responder às questões levantadas na introdução por meio de uma abordagem qualitativa e exploratória, com o objetivo de compreender os principais desafios enfrentados por mulheres petite no consumo de moda. A pesquisa se desdobra inicialmente em uma reflexão sobre a relação entre moda e corpo feminino, investigando como as proporções corporais influenciam a percepção estética e a construção da identidade. Em seguida, são apresentados o conceito e a trajetória histórica da moda petite, contextualizando o surgimento desse segmento e sua evolução até o cenário brasileiro, onde se analisam marcas nacionais e as especificidades do mercado voltado para mulheres de baixa estatura.

Com base nesse panorama, o estudo aprofundou-se em pesquisas de antropometria, ergonomia e modelagem, buscando compreender as medidas corporais e as adaptações necessárias para o vestuário ser funcional e proporcional. Complementarmente, são abordados aspectos relacionados ao consumo de moda e

à autoestima, evidenciando como a oferta de produtos adequados impacta a percepção e a satisfação das mulheres com sua imagem.

Posteriormente, realizou-se uma análise comparativa de peças de diferentes marcas, identificando lacunas e oportunidades para o desenvolvimento de soluções mais adequadas. A partir desses resultados, foi proposta uma tabela de medidas autoral, que serve como base para a elaboração de uma coleção pensada especificamente para o público petite. Para compreender melhor as necessidades e preferências dessas mulheres, é aplicado um questionário que subsidia a criação de uma proposta de coleção, culminando na prototipagem de alguns looks que concretizam as recomendações do estudo.

## **2 MODA E CORPO FEMININO**

Durante os séculos XVI, XVII e a maior parte do XVIII, a moda europeia era voltada principalmente ao público masculino, sendo símbolo de status e poder. Os homens utilizavam rendas, bordados, cores vivas e acessórios exuberantes. No entanto, segundo Flugel (1930), com as transformações sociais e políticas do final do século XVIII ocorreu a chamada “Grande Renúncia Masculina”, momento em que os homens abandonaram os adornos e adotaram trajes mais sóbrios. A partir desse período, a moda passou a ser associada ao universo feminino, tornando-se não apenas uma forma de expressão, mas também um campo de cobrança social, sobre o qual recai a responsabilidade da mulher de estar sempre bem-vestida e em conformidade com padrões estéticos.

A moda, desde então, passa a construir uma relação intrínseca com o corpo feminino e torna-se um meio de comunicação que vai além da estética: trata-se de uma forma de expressar quem a mulher é, de onde ela vem, o que pensa e a que grupo pertence, ao mesmo tempo em que carrega influências do momento histórico em que está inserida. Segundo Castilho (2005, p.24), “a moda tem no corpo seu suporte ideal, ou seja, é sobre ele que se desenha, se compõe, se expressa”. Dessa maneira, ao considerar a moda como linguagem e o corpo como suporte não apenas físico, mas também simbólico, entende-se que o corpo não é um elemento passivo, mas uma extensão simbólica que atua como meio de expressão, comunicando identidade, desejo e subjetividade. Ao mesmo tempo, é atravessado por padrões que moldam comportamentos e o regulam segundo normas sociais. Ou seja, cada

sociedade atribui valores e interpretações diferentes aos corpos: o que é considerado belo, desejável, elegante, saudável. Nesse contexto, Lipovetsky (1989) destaca o paradoxo da moda moderna: ao mesmo tempo em que simboliza liberdade e individualização, também impõe normas coletivas de beleza e comportamento, evidenciando como o vestir pode ser simultaneamente um ato de expressão e de controle.

A partir do entendimento do corpo como construção simbólica e do vestir como linguagem social, torna-se possível compreender como determinados corpos são valorizados ou ignorados no sistema da moda. Corpos que se encaixam nos padrões aceitos recebem destaque e investimento, enquanto aqueles que se desviam desses modelos são muitas vezes invisibilizados ou sub-representados, mostrando que a moda não apenas veste, mas também classifica, regula e exclui, impactando a forma como as mulheres percebem seus corpos e são percebidas socialmente.

O corpo *petite* evidencia de forma concreta essas exclusões. A baixa estatura, característica das mulheres *petite*, frequentemente é percebida como um desvio do modelo de corpo valorizado na contemporaneidade que é geralmente alto, magro e alongado e promovido por coleções, campanhas publicitárias e passarelas. Consequentemente, esse corpo é muitas vezes invisibilizado nas representações visuais do ambiente da moda, tendo sua subjetividade e identidade ignoradas.

A escassez de roupas adaptadas às proporções *petite* vai além de uma questão estética ou técnica, refletindo um processo de invisibilidade simbólica e cultural que evidencia a desconsideração de certos corpos no sistema da moda (Castilho, 2005). Ao criar vestuário que respeita e valoriza essas proporções, a moda *petite* desafia os códigos dominantes e estabelece uma nova linguagem do vestir. Nesse sentido, o ato de se vestir ultrapassa a funcionalidade e assume caráter político, afirmando a presença, a identidade e o pertencimento de mulheres de baixa estatura no espaço da moda. O capítulo seguinte abordará o conceito de moda *petite*, explorando seu surgimento, histórico e evolução dentro da indústria do vestuário, destacando como essa vertente busca ampliar a representatividade e visibilidade de corpos frequentemente desconsiderados. Como mostra a Figura 1, diferentes biotipos corporais femininos são apresentados para ilustrar a variedade de proporções existentes, incluindo o corpo que é analisado neste trabalho, o corpo *petite*.

**Figura 1** - Representação da diversidade de estaturas femininas.



**Fonte:** Sumissura (s.d). Disponível em: <https://www.sumissura.com/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

### **3 O CONCEITO E HISTÓRIA DA MODA PETITE**

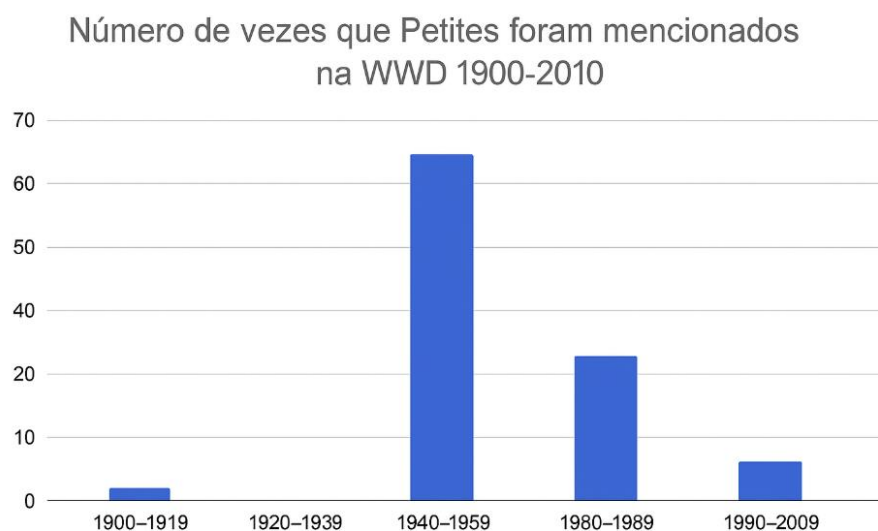
Considerando a escassez de estudos específicos sobre a origem da moda petite, o que torna necessário recorrer a pesquisas que, mesmo de forma indireta, abordam aspectos relacionados a esse processo, toda esta seção toma como referência o estudo de caso sobre a estilista Hannah Troy desenvolvido por Martin (2023), a partir do qual foram realizadas traduções livres e adaptações interpretativas dos trechos originais. No referido trabalho, a autora dedica parte de sua análise à relação de Troy com esse segmento, apontando indícios importantes para compreender como se deu a inserção da moda petite no sistema do vestuário.

A moda petite é voltada para pessoas de estatura baixa, geralmente abaixo de 1,60 m, podendo se estender até 1,65 m, a depender da marca. Trata-se de um segmento que oferece roupas produzidas especificamente para mulheres de menor estatura, com cortes e modelagens proporcionais a seus corpos, proporcionando, assim, um caimento mais adequado. O termo petite tem origem no francês e significa "pequena".

A origem exata da moda *petite* é pouco conhecida visto que não é atribuída a uma única pessoa, tampouco se configura como uma invenção isolada, mas sim como uma resposta do mercado às demandas de um grupo de consumidoras até então negligenciado pelos padrões tradicionais da indústria do vestuário.

Uma das primeiras referências ao tamanho *petite* ocorreu na revista *Women's Wear* (antecessora da *Women's Wear Daily – WWD*) em 1918 (apud Martin, 2023), quando os fabricantes Apfelbaum & Stern destacaram a necessidade de atender ao tipo “*petite*”, com o lema: “Cuidar do tipo ‘*petite*’ até então negligenciado” (New Department, 1918, p. 9, apud Martin, 2023). Ao lado dessa publicação, outro artigo mencionava modelos “*cheinhas com pernas longas*” (*Long-Lined Stout Models*, 1918, p. 9, apud Martin, 2023), indicando um crescente interesse por tamanhos mais precisos e uma busca pela adequação das roupas aos diferentes tipos corporais na época. Como mostra o Gráfico 1 estão contabilizadas todas as vezes em que o termo *petite* foi citado na revista *WWD*, indicando marcos relevantes que reforçam o surgimento e a consolidação desse segmento na indústria da moda

**Gráfico 1** - Tradução livre do gráfico “Number of times *petites* were mentioned in *wwd* 1900-2010”.



**Fonte:** Martin (2023), tradução nossa.

Inicialmente, a ideia de tamanhos especializados e mais precisos surgiu paralelamente à demanda por modelagens mais ajustadas e contornadas ao corpo, incluindo variações como os modelos *long-line stout* (*cheinhas com pernas longas*), que tinham como objetivo alongar a silhueta. Isso porque, de acordo com Claudia

Kidwell (1979, apud Martin, 2023), no início do século XX a moda feminina era composta por roupas extremamente ajustadas ao corpo, o que exigia peças feitas sob medida e inviabilizava a padronização dos tamanhos. Somente com o surgimento de modelagens menos justas tornou-se possível criar medidas prontas que se adequassem a diferentes corpos.

Com o avanço das primeiras décadas do século XX, começaram a surgir categorias corporais específicas, como petite (baixinhas), tall (altas) e stout (mais cheinhas), dentro das linhas Misses, Women's e Junior, estas denominações criadas pela indústria norte-americana de moda tinham o intuito de segmentar o mercado feminino. A linha Misses destinava-se a mulheres adultas de proporções médias; Women's, a mulheres de corpo mais cheio e curvilíneo; e Junior, a um público mais jovem, com silhueta mais esguia e menos desenvolvida. Essas categorias foram se refinando até o final da década de 1950. O interesse pelo petite size cresceu especialmente nos anos 1950, em paralelo à popularização de estilos que valorizavam a silhueta marcada, como o New Look de Dior. Como mostra a Figura 2, o anúncio evidencia como os ajustes em roupas para corpos petite eram recorrentes e até vistos como um incômodo na época

**Figura 2** - Trecho presente na revista wwd.<sup>1</sup>



**Fonte:** Martin (2023, p.65).

<sup>1</sup> A numeração petite ajuda a evitar dores de cabeça com ajustes: O setor sabe que, se uma cliente com cintura mais curta, mas com um corpo proporcional, escolher um vestido feminino de preço mais alto, ela provavelmente precisará ajustá-lo. Ajustes são desagradáveis. Eles significam gasto extra para as clientes, além do risco de prejudicar as linhas do modelo que o estilista elaborou com tanto cuidado. Além disso, o departamento de ajustes é considerado um serviço ao cliente e geralmente funciona com prejuízo para a loja, segundo dizem.

Nos anos 1940, a pressão do varejo tornou-se mais evidente, com lojas e compradores solicitando aos fabricantes roupas que se ajustassem melhor às clientes. Colunas como “Seeing Things”, de Sarah F. Hitchcock na *WWD*, documentaram o debate sobre a importância do ajuste preciso. Empresas como Shibley & Finer passaram a orientar seus vendedores a identificar consumidoras mais baixas e direcioná-las às seções *petite*, além de desenvolver departamentos específicos para esse público.

Em 1941, o governo americano, através da Works Progress Administration (WPA), realizou o estudo *Women’s Measurements for Garment and Pattern Construction* (Medidas femininas para confecção de roupas e moldes) com o objetivo de coletar medidas femininas que pudessem servir de base para melhorar o ajuste das roupas. Até então, a maioria dos fabricantes definia os tamanhos femininos tomando apenas a medida do busto como referência principal, pressupondo que o restante das proporções corporais, como cintura, quadril e altura se manteria proporcional. O estudo da WPA, contudo, demonstrou que essa prática era imprecisa, pois mulheres com a mesma medida de busto podiam apresentar alturas e proporções corporais muito diferentes. A pesquisa concluiu que a relação entre altura e peso era um indicador muito mais confiável para prever outras medidas do corpo e, portanto, mais adequada para padronizar os tamanhos de vestuário. Além disso, o levantamento revelou que a mulher americana média tinha 1,60 m de altura e pesava 60,5 kg, evidenciando a necessidade de tamanhos mais variados, como o *petite*, para atender melhor à diversidade de corpos femininos. A ausência desses ajustes adequados gerava altos custos para estas mulheres, que em 1945 afetavam cerca de 65% das consumidoras.

A Varden Dress Company, em 1944, criou a linha “Varden Petite”, voltada para mulheres pequenas, mas com uma estética adulta, diferenciando-se da linha Junior, voltada ao público mais jovem. Essa distinção foi fundamental, pois muitas mulheres de baixa estatura buscavam sofisticação, e não roupas com aparência juvenil.

Outro impulsionador para a criação e padronização de tamanhos mais variados foi a mudança ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, quando o mercado, antes orientado à manufatura e à moda utilitária — com peças simples, funcionais, restrições de materiais, métodos de produção e estilos — voltou a ser orientado pelo consumidor. Nos Estados Unidos, os fabricantes precisaram desenvolver novos sistemas de tamanhos, incluindo opções *petite*, para atender melhor à diversidade de corpos

femininos e, ao mesmo tempo, evitar excesso de estoque. O fim da moda utilitária permitiu, assim, que os fabricantes criassem roupas mais ajustadas às necessidades reais das consumidoras.

### 3.1 A CONTRIBUIÇÃO DE HANNAH TROY

Hannah Troy foi uma estilista norte-americana ativa entre as décadas de 1940 e 1960. Ficou conhecida por viajar a Paris para captar as tendências de alta-costura de nomes como Dior, Balenciaga e Givenchy, adaptando-as para o mercado americano de vestuário (ready-to-wear). Seu trabalho se destacou também pela visão inclusiva, criando modelos que valorizavam diferentes tipos de corpo, e pela introdução de uma linha petite em sua empresa.

Em um obituário publicado pelo The New York Times em 1986 (p. B10) (tradução disponível no Anexo), Hannah Troy relatou que, ao visitar uma empresa na Califórnia, notou que muitas mulheres ajustavam constantemente suas roupas na região dos ombros e da cintura, tentando adequá-las melhor ao corpo. Essa percepção levou-a a concluir que a maioria das mulheres não correspondia às proporções “ideais” empregadas pela indústria de vestuário da época e que era necessário alcançar uma proporção mais adequada, especialmente na região do tronco. Como resposta a essa constatação, lançou, em 1939, a linha Troy Petite, voltada para mulheres de baixa estatura. Como mostram as Figura 3 e 4, o obituário contextualiza a atuação de Hannah e sua relação com o desenvolvimento da modelagem petite

Embora Troy seja amplamente reconhecida por ter popularizado o Petite Wear, é importante contextualizar que outras empresas, como Shibley & Finer e a Varden Dress Company, também desenvolviam soluções para mulheres pequenas, buscando diferenciar o público adulto do junior por meio de modelagens sofisticadas e não infantis, como mencionado anteriormente. Contudo, o diferencial de Troy residia em seu rigor técnico na análise das proporções corporais, especialmente do tronco e da cintura. Seu objetivo não era apenas encurtar comprimentos, mas ajustar a estrutura da roupa ao corpo real das consumidoras, garantindo elegância e proporção adequadas.

As origens dessa inovação remontam à década de 1940, quando Troy atuava como designer de blusas no distrito de confecções de Nova York. Durante esse período, ela investigou dados antropométricos do governo norte-americano, derivados

das medições de mulheres que ingressaram nas forças armadas durante a Segunda Guerra Mundial. A análise desses registros revelou que apenas 8% das mulheres possuíam as proporções consideradas “ideais”, enquanto mais de dois terços eram de tronco curto. Esses resultados confirmaram suas observações empíricas e motivaram o desenvolvimento de uma modelagem baseada em proporções reais.

O lançamento da Troy Petite ocorreu no início dos estudos da WPA, em 1941, demonstrando que Troy foi uma das primeiras estilistas a adotar tamanhos diferenciados com base em proporções corporais reais. Segundo a revista *Women's Wear Daily* (WWD), as consumidoras inicialmente interpretavam o termo *petite* como restrito exclusivamente a mulheres com menos de 1,62 metro de altura, o que Hannah considerava limitante. Por essa razão, ela renomeou a linha para *Troy Figure*, com foco na modelagem da cintura e do tronco, permitindo que mulheres de diferentes alturas, mas com tronco mais curto ou proporções distintas da média, vestissem adequadamente suas peças. A própria estilista comentou, em tom de humor, que escolher o termo *petite* “soava bem”, embora posteriormente tenha se arrependido da nomenclatura, pois o público passou a associá-la exclusivamente à baixa estatura.

Essa mudança ampliou significativamente o público-alvo de Troy, alcançando mulheres que não se enquadravam nos padrões de tamanho convencional e que buscavam uma estética adulta, diferenciando-se das linhas *junior*, mais voltadas ao público jovem. Nan Robertson, do *The New York Times*, destacou essa abordagem em um artigo intitulado “Designer analisa mulheres de cintura curta”, evidenciando a preocupação da estilista em criar roupas que respeitassem as proporções reais do corpo feminino. A Figura 5 compara visualmente proporções entre tamanho regular e tamanho *petite*, servindo como base ilustrativa para a compreensão de ajustes de modelagem.

O estudo de caso de Hannah Troy (Martin, 2023) oferece, assim, uma perspectiva histórica relevante: ela percebeu que grande parte das mulheres não se encaixava nos tamanhos padrão e, em resposta, desenvolveu a linha *Troy Figure*, voltada para o corpo *petite* adulto. Sua iniciativa evidencia tanto a necessidade de adaptações técnicas na modelagem quanto o reconhecimento simbólico de um segmento até então pouco representado, mostrando como corpo e roupa se constroem mutuamente no processo de criação e representação da moda.

Em conclusão, o percurso histórico da moda petite evidencia a formação de um segmento voltado à adequação das proporções corporais femininas. Dando continuidade a essa análise, o próximo capítulo abordará a trajetória da moda petite no Brasil, explorando sua inserção e desenvolvimento no contexto nacional.

Figura 3 - Folha do obituário de Hannah Troy no jornal The New York Times.

B10 L THE NEW YORK TIMES OBITUARIES THURSDAY, JUNE 24, 1993

### Hannah Troy, Fashion Designer, Inventor of Petite Size, Dies at 93

By BRUCE LAMBERT

Hannah Troy, an influential women's fashion designer and manufacturer who invented the petite size and introduced modern Italian styles to the United States, died on Tuesday at a hospital in Miami Beach, where she lived. She was 93.

The cause was a heart attack, her family said.

Her two major contributions to fashion resulted from chance and keen observation.

"I was at a May Company store in California when I noticed women pulling at their shoulders and waistlines and saw that most dresses didn't fit properly," she recalled from the late 1940's. Alterations were troublesome and sometimes spoiled the design.

On a hunch that the long-sleeved ideal female form was more myth than reality, she studied measurements the military had made of women who volunteered in World War II. The statistics confirmed that the typical woman was short-waisted.

"So Mrs. Troy introduced the petite size, saying, 'The word had a nice ring.' The concept proved a popular success."

**The Italian Look**

Her next innovation came in 1951. After the annual Paris fashion shows, she took a side trip to Florence. Impressed with its fashions, she bought samples and returned home promoting the Italian look.

The following season, 300 American fashion representatives showed up in Italy and a new era began.

"In the mid-1950's she advocated the 'fitted dress' to the woman who is a little plump can look stylish."

Mrs. Troy described her fashions as "elegant, somewhat classic, timeless, the kind a woman can add to from year to year." She produced blouses, dresses, gowns and suits, favoring silk, wool, tweed, linen, taffeta and satin.

Her career was at its peak from the late 1940's until her retirement in 1968. She supplied top Manhattan stores like Saks, Bergdorf Goodman, Bonwit Teller, Ivesy Bondel, Lord & Taylor, B. Altman and Bloomingdale's. Par Nixon and Mamie Van Doren were among her customers.

Mrs. Troy, a Brooklyn native, grew up in the garment industry.

"I started sewing as soon as I could thread a needle," she said. By 12 she was making dresses for her sisters. As a teenager, she was a model.

Mrs. Troy had three marriages, to Aaron Hartman, Theodore Troy and Max Meyer, all deceased.

She is survived by a son from her first marriage, William J. Troy, and a sister, Shirley Stern, both of Miami, and two grandchildren.

Company News: Tuesday through Saturday, Business Day

### Jacob Burns, Patron Of Yeshiva's Schools And Law Leader, 91

By BRUCE LAMBERT

Jacob Burns, a Manhattan lawyer and philanthropist who gave millions of dollars to charitable causes, died on Sunday at his home in Atlantic Beach, L.I. He was 91 and also had a home in Manhattan.

The cause was heart failure, his family said.

Mr. Burns donated millions to Yeshiva University for its Benjamin R. Cardozo School of Law, Sy Syms School of Business and Albert Einstein School of Medicine.

He was board chairman emeritus of the Cardozo School and a founder of the Einstein School. He also made large gifts to WNET-TV, George Washington University, D'neil D'vith Hill Foundation and other causes.

Mr. Burns headed a family drug company that was a pioneer in the development of the vitamin industry.

Was Director of Revision

U.S. Vitamins and Pharmaceutical Corporation, which was a pioneer in the development of the vitamin industry.

Mr. Burns led a family drug company that was a pioneer in the development of the vitamin industry.

As a lawyer, he specialized in corporate, estate and trust cases and was active in professional organizations.

He was vice chairman of the committee on character and fitness for the Appellate Division of State Supreme Court. He was a director of the New York County Lawyers Association and chairman of its discipline and membership committees.

Mr. Burns was born in Russia and at age 11 left with his family to escape the anti-Jewish pogroms. He earned his bachelor's and law degrees at George Washington University.

He was married for 16 years to the former Faye Himmelstein, who is deceased.

His survivors are his wife of nine years, the former Paula Leiper; a son, George, of Boston Beach, Fla.; a daughter, Rosalie Burns-Goldberg of Bala Cynwyd, Pa.; a stepdaughter, Louise Arias of Manhattan; eight grandchildren, and nine great-grandchildren.

### Ethel Hausman, 89, Benefactor Of Cerebral Palsy Organizations

By WOLFGANG SAXON

Ethel Hausman, a founder and major supporter of United Cerebral Palsy of New York City and North Shore University Hospital-Cornell University Medical College in Manhattan, L. I., died on Tuesday at her home in Manhattan. She was 89.

She died after a brief illness, her family said.

She and her husband, Jack, joined Leonard and Isobel Goldenson and Jane Hoving in 1946 to found United Cerebral Palsy of New York City. All were parents of children with the disease, including the Hausman's son Peter, who died last year. Their efforts also led to the formation of the national United Cerebral Palsy Association, which merged similar groups around the country.

Efforts Raised Millions

Mrs. Hausman founded the Women's Division of United Cerebral Palsy of New York City and oversaw fundraising campaigns that raised millions of dollars for the agency, which serves adults and children with cerebral palsy and related disabilities. She also was vice president of the International Cerebral Palsy Society in London and a board member of Rehabilitation International.

Mrs. Hausman devoted much of her life to helping others, especially children. With her husband, she was a principal donor to North Shore University Hospital-Cornell University Medical College, where the Ethel and Jack Hausman Department of Pediatrics attends to their support.

North Shore University Hospital opened in Manhattan in 1953. But Mrs. Hausman was already engaged in fund raising in the late 1940's, when local residents pressed for the construction of a hospital in the area.

Ethel and Jack Hausman endowed chairs bearing their names for a professor of pediatrics at North Shore University Hospital and for cerebral palsy research at Harvard University. Born in Manhattan, Ethel Hausman went to work in a restaurant at age 16. In 1927, she married Jack Hausman, whose family fortune derived from the real estate business. He is vice chairman and former chairman of Belding Hermsley Company, the Manhattan textile concern.

Besides her husband of nearly 65 years, Mrs. Hausman is survived by two sons, Richard and Michael, both of Manhattan; six grandchildren, and seven great-grandchildren.

### Maurice Galy, 75, Retired President Of Lycée Français

By MARVINE HOWE

Maurice Galy, president of the Lycée Français de New York for more than three decades, died on June 11 at his home in Massia in the Pyrenees region of southwestern France. He was 75.

He had suffered from a long illness, said a friend of the family.

A senior civil servant in the French Education Ministry, Mr. Galy spent most of his career in New York, where he first served in the cultural services section at the French Embassy in 1966. The following year, he was appointed president of the Lycée Français, a post he held until he retired in 1989.

Mr. Galy played an influential role in developing the lycée, an independent, nonprofit primary and secondary school. The lycée, chartered by the New York State Board of Regents in 1986, offers a French curriculum and is accredited by the French Government.

Mr. Galy carefully maintained the lycée's traditions and high level of education. The school originally occupied a residential building on East 89th Street near Fifth Avenue and Mr. Galy arranged for the acquisition of three more landmark mansions, two on East 72d Street and one on East 91st Street.

The French Government made him a Commander of the Palmes Académiques, the highest French honor for educators, and a Knight of the Legion of Honor, its highest civilian commendation.

Survivors include his wife, Paule; a daughter, Elisabeth; two sons, Jean-Pierre and Jean-François.

### Abraham Kaplan, 75, Author and Teacher

Abraham Kaplan, an author and teacher of philosophy, died Saturday in Los Angeles. He was 75 and had lived in Haifa, Israel, since 1972.

He died of a heart attack while visiting a friend, said Allan Casenier, an associate professor at the University of Southern California.

Born in Odessa, Ukraine, Professor Kaplan graduated from the College of St. Thomas in St. Paul, Minn., and had a Ph.D. from the University of California at Los Angeles. He began his academic career in 1946 at New York University and later taught at U.C.L.A. and the University of Michigan. He began teaching at the University of Haifa the year he moved to Israel.

He was the author of "New World of Philosophy" (Random House, 1962), "American Ethics and Public Policy" (Oxford University Press, 1963), and "In Pursuit of Wisdom: The Scope of Philosophy" (University Press of America, paperback, 1988), among others.

Professor Kaplan's survivors include his wife of 43 years, the former Jena Judith Wax; and two daughters, Karun, of Haifa, and Jessica, of Washington.

### Robert Shrock, 88, Fossil Expert

Robert Rakes Shrock, a geology professor at the Massachusetts Institute of Technology who discovered a number of species of fossils, died Tuesday at the Reservoir Nursing Home in Waltham, Mass. He was 88.

He died of cancer, his family said.

Professor Shrock, who lived in Lexington, Mass., spent 38 years at the Massachusetts Institute of Technology, starting as an assistant professor in 1937. He was chairman of the department of geology and geophysics from 1949 to 1982. He reached emeritus status in 1976 but continued as a senior lecturer for five more years.

Professor Shrock was noted for his work with and indexing of fossils. One that is named for him is a squid-like invertebrate, *Kentlandoceras shrocki*, which lived during the Ordovician Period 500 million years ago.

An endowed chair carries Professor Shrock's name in what is now M.I.T.'s department of earth, atmospheric and planetary sciences. Also named after him is a research ship at the Woods Hole Oceanographic Institution on Cape Cod, where he started a program of instruction and research in oceanography jointly administered with M.I.T.

After his retirement, Professor Shrock continued to write for the M.I.T. Press. His works included the two-volume "Geology at M.I.T., 1860-1980" (1977, 1982).

He is survived by his wife, Theodora Weidman Shrock; a daughter, Wendolyn, of Northfield, Mass.; a son, Robert E., of Setauket, L.I.; five sisters, Miriam Rody and Virginia Shrock, both of Kokomo, Ind.; Evelyn Lavrene of Plainfield, Ind.; Dorothea Litzler of Syracuse, Ind.; and Clara Berry of Collierville, Tenn., and two granddaughters.

### Bubba Phillips

Baseball Player, 65

HATTIESBURG, Miss., June 23 (AP) — Bubba Phillips, a third baseman who played for the Detroit Tigers, the Chicago White Sox and the Cleveland Indians from 1959-64, died Tuesday of a heart attack. He was 65 and had open-heart surgery last fall.

A spokesman for the sports information department at the University of Southern Mississippi, where Mr. Phillips starred in baseball and football, said he had collapsed while loading his pickup truck at home.

Mr. Phillips, who batted .255 for his career, had his best season in 1961 with Cleveland, when he hit 18 home runs and drove in 72 runs. He is survived by his wife, Martha, and a brother, Shelby.

Fonte: The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1993/06/24/obituaries/hannah-troy-fashion-designer-inventor-of-petite-size-dies-at-93.html>. Acesso em: 4 nov. 2025

Figura 4 - Manchete do obituário de Hannah Troy no jornal The New York Times (1993).

## Hannah Troy, Fashion Designer, Inventor of Petite Size, Dies at 93

By BRUCE LAMBERT

Hannah Troy, an influential women's fashion designer and manufacturer who invented the petite size and introduced modern Italian styles to the United States, died on Tuesday at a hospital in Miami Beach, where she lived. She was 93.

The cause was a heart attack, her family said.

Her two major contributions to fashion resulted from chance and keen observation.

"I was at a May Company store in California when I noticed women pulling at their shoulders and waistlines and saw that most dresses didn't fit properly," she recalled from the late 1940's. Alterations were troublesome and sometimes spoiled the design.

On a hunch that the long-waisted ideal female form was more myth than reality, she studied measurements the military had made of women who volunteered in World War II. The statistics confirmed that the typical woman was short-waisted.

So Mrs. Troy introduced the petite size, saying, "The word had a nice ring." The concept proved a popular success.

### The Italian Look

Her next innovation came in 1951. After the annual Paris fashion shows, she took a side trip to Florence. Impressed with its fashions, she bought samples and returned home promoting the Italian look.

The following season, 300 American fashion representatives showed up in Italy and a new era began.

In the mid-1960's she advocated the tent dress so "the woman who is a little plump can look stylish."

Mrs. Troy described her fashions as "elegant, somewhat classic, timeless, the kind a woman can add to from year to year." She produced blouses, dresses, gowns and suits, favoring silk, wool, tweed, linen, taffeta and satin.

Her career was at its peak from the late 1940's until her retirement in 1968. She supplied top Manhattan stores like Saks, Bergdorf Goodman, Bonwit Teller, Henri Bendel, Lord & Taylor, B. Altman and Bloomingdale's. Pat Nixon and Mamie Van Doren were among her customers.

Mrs. Troy, a Brooklyn native, grew up in the garment industry.

"I started sewing as soon as I could thread a needle," she said. By 12 she was making dresses for her sisters. As a teen-ager, she was a model.

Mrs. Troy had three marriages, to Aaron Hartman, Theodore Troy and Max Meyer, all deceased.

She is survived by a son from her first marriage, William J. Troy, and a sister, Shirley Stern, both of Miami, and two grandchildren.



Hannah Troy  
The New York Times, 1987

## Abraham Kaplan, 75, Author and Teacher

Abraham Kaplan, an author and teacher of philosophy, died Saturday in Los Angeles. He was 75 and had lived in Haifa, Israel, since 1972.

He died of a heart attack while visiting a friend, said Allan Casebier, an associate professor at the University of Southern California.

Born in Odessa, Ukraine, Professor Kaplan graduated from the College of St. Thomas in St. Paul, Minn., and held a Ph.D. from the University of California at Los Angeles. He began his academic career in 1940 at New York University and later taught at U.C.L.A. and the University of Michigan. He began teaching at the University of Haifa the year he moved to Israel.

He was the author of "New World of Philosophy" (Random House, 1962); "American Ethics and Public Policy" (Oxford University Press, 1963); and "In Pursuit of Wisdom: The Scope of Philosophy" (University Press of America, paperback, 1986), among others.

Professor Kaplan's survivors include his wife of 43 years, the former Iona Judith Wax; and two daughters, Karen, of Haifa, and Jessica, of Washington.

Company News:  
Tuesday through Saturday,  
Business Day

Fonte: The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1993/06/24/obituaries/hannah-troy-fashion-designer-inventor-of-petite-size-dies-at-93.html>. Acesso em: 4 nov. 2025

**Figura 5** - Diferença de proporção entre tamanho regular e tamanho petite



**Fonte:** adaptado de Short Story Box (2025), com tradução e edição própria (2025). Disponível em: <https://my.shortstorybox.com/>. Acesso em: 4 nov. 2025

#### 4 A MODA PETITE NO CONTEXTO BRASILEIRO

Não foram encontrados artigos suficientes ou registros precisos sobre o surgimento do tema no Brasil. Contudo, sugere-se que o segmento petite size começou a ganhar visibilidade a partir dos anos 2010, de forma gradual, impulsionado pela globalização e pelo crescente reconhecimento da diversidade corporal -- ainda que o conceito de roupas adaptadas para mulheres de baixa estatura já estivesse em circulação em outros países desde o século XX, sua inserção no mercado nacional ocorreu tardiamente.

Isso porque, a globalização da moda desempenhou um papel importante na disseminação de tendências internacionais, permitindo que consumidores brasileiros tivessem acesso a marcas e estilos de outros países, ampliando suas referências e

expectativas quanto à oferta local de vestuário. Além disso, o movimento *body positive*, que ganhou força mundialmente na década de 2010, influenciou significativamente a percepção sobre corpos diversos (Ribeiro, 2019).

Segundo dados levantados entre 2009 e 2017 pelo Projeto SizeBR – Estudo de Caracterização Antropométrica Brasileira, desenvolvido pelo SENAI CETIQT (Bastos; Sabrá, 2014), cerca de 85% das mulheres analisadas apresentaram estatura inferior a 1,64 m, o que indica que, apesar de representarem uma parcela significativa da população, esse segmento ainda é pouco explorado no Brasil. Observa-se que isso pode estar relacionado a diversos fatores, tais como: a indústria brasileira historicamente prioriza tamanhos padrão (P, M e G), desconsiderando a diversidade de estaturas; a modelagem específica para *petite* exige investimentos em pesquisa, produção diferenciada e logística, considerados onerosos por muitas marcas e a percepção de demanda pelo público de baixa estatura ainda é subestimada, mesmo que estatisticamente relevante. Além disso, a influência de tendências internacionais de *petite size* chegou tardiamente ao Brasil, o que contribui para a adaptação gradual e lenta do mercado.

Cabe destacar que, diante da ausência de estudos específicos sobre o tema no Brasil, estas interpretações refletem a análise do autor, construída a partir da imersão no tema e da avaliação crítica dos dados disponíveis. Ainda assim, evidencia-se que a criação de roupas específicas para mulheres de baixa estatura contribui para a valorização corporal desse público e reforça sua representação no sistema da moda, historicamente direcionado a modelagens tradicionais.

No campo acadêmico brasileiro, as discussões sobre o vestuário *petite* também começam a ganhar espaço, como apontam as autoras Mariozi e Menegucci (2020) que destacam a importância de medidas antropométricas compatíveis com o público-alvo *petite*, considerando que, devido à intensa miscigenação ocorrida no país, há grande diversidade de corpos — o que torna inviável a adoção de uma única tabela padrão de medidas que atenda a todos os consumidores. Além disso, observam que, embora algumas lojas de departamento, como Amaro, C&A e Marisa, trabalhem com o tamanho PP, suas modelos geralmente possuem estatura superior a 1,68 metro, o que reforça a desconexão entre a comunicação visual das marcas e o corpo real das mulheres de baixa estatura.

Bragança Moura (2025) ressalta que a produção de vestuário deve atentar-se às medidas corporais de seu público-alvo. No entanto, observa-se que a maior parte

das empresas direciona seu foco para a segmentação por estilo — como moda festa, sportswear, sport fino e moda íntima — mantendo as medidas corporais utilizadas dentro da escala “padrão” da localidade como estratégia de posicionamento de mercado.

Ademais, a autora destaca que o processo de inclusão do petite wear no mercado nacional pode ocorrer de duas formas: a empresa pode desenvolver toda a coleção utilizando exclusivamente medidas corporais do público petite, por meio da elaboração de uma grade de tamanhos específica; ou pode trabalhar com medidas padrão, mas manter uma linha paralela de produtos direcionada a esse nicho.

Por fim, independentemente do tamanho da usuária petite, o deslocamento das medidas verticais é de grande importância, sobretudo para mulheres petite plus size, pois, dependendo da base de modelagem utilizada, a quantidade de alterações necessárias para ajustar a peça à altura e à largura do corpo será ainda maior.

Diante das considerações sobre a adequação das medidas corporais e a importância da criação de grades específicas para atender às particularidades especialmente do segmento petite size, a próxima seção abordará os conceitos de antropometria e ergonomia, fundamentais para o desenvolvimento de vestuário que respeite as proporções e necessidades físicas dos usuários, promovendo conforto, funcionalidade e melhor adequação dos produtos ao corpo real.

## 5. ANTROPOMETRIA, ERGONOMIA E MODELAGEM PARA MULHERES DE BAIXA ESTATURA

A antropometria é o estudo das dimensões físicas do corpo humano, com o objetivo de compreender suas variações e aplicá-las em projetos que envolvam interação entre corpo e produto. No vestuário, ela fornece dados essenciais para criar modelagens que respeitem as proporções reais dos indivíduos, contribuindo diretamente para o conforto, a mobilidade e a estética das peças. Segundo Martins (2005, p.78), “A antropometria aplicada ao vestuário busca adequar o design às medidas corporais reais da população usuária, evitando distorções e desconfortos”.

Para o público feminino petite, o uso de dados antropométricos torna-se ainda mais relevante. Isso porque, as tabelas de medidas convencionais, muitas vezes baseadas em estaturas médias, não contemplam as necessidades específicas de mulheres com menos de 1,63 m. Isso gera inadequações na modelagem, como o posicionamento incorreto da cintura, comprimento excessivo de gancho, das mangas e barras, e desconforto geral na vestibilidade. A aplicação de forma correta da antropometria nesse caso permite o desenvolvimento de tabelas próprias, baseadas em medidas reais de mulheres de baixa estatura, o que garante melhor caimento e funcionalidade das peças. Como mostra a Figura 6, o blazer petite difere do tradicional por ajustes de proporção.

**Figura 6** - Diferença de proporção entre um blazer tamanho tradicional e um tamanho petite



**Fonte:** adaptado de Short Story Box (2025), com tradução e edição própria (2025). Disponível em: <https://my.shortstorybox.com/>. Acesso em: 4 nov 2025

Além da análise das proporções corporais, outro campo essencial para o desenvolvimento de roupas adequadas ao público *petite* é a ergonomia. Se a antropometria fornece as medidas e proporções do corpo, a ergonomia transforma essas informações em conforto, mobilidade e funcionalidade no uso das peças. De acordo com a Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO), a ergonomia estuda a relação entre o ser humano e o design de produtos e ambientes, com o objetivo de garantir eficiência, segurança e bem-estar.

No vestuário, a ergonomia envolve a criação de roupas, acessórios e calçados que se ajustem adequadamente ao corpo e favoreçam o movimento, respeitando tanto os aspectos físicos quanto psicológicos da usuária. Martins (2005) destaca que o conforto em produtos de moda é uma expressão prática da ergonomia, uma vez que adapta o design às variadas formas e necessidades corporais. Dessa forma, aplicar princípios ergonômicos na produção de vestuário *petite* é indispensável, pois somente roupas com proporções antropométricas coerentes com o público-alvo conseguem cumprir o objetivo principal da peça — o vestir confortável e funcional.

Ainda segundo Martins (2009), ao se projetar produtos de moda e vestuário, é necessário considerar não apenas as dimensões corporais, mas também a tecnologia de manufatura, o uso de matérias-primas, os materiais tecnológicos empregados, a modelagem, o acabamento e o conforto. A roupa, portanto, deve ser compreendida como uma segunda pele, que acompanha o corpo de forma harmônica e respeitosa.

A padronização da modelagem no setor de confecção, baseada em médias populacionais que priorizam corpos altos e longilíneos, resulta na invisibilização de corpos que não correspondem a esse perfil, como é o caso das mulheres de baixa estatura. Essa exclusão se manifesta não apenas na ausência de numerações adequadas, mas também em peças que, mesmo quando ajustadas ao tamanho, não respeitam as proporções do corpo *petite*. Assim, roupas desajustadas tornam-se símbolo de um padrão excludente, contribuindo para a ideia de inadequação e desconforto estético. O desenvolvimento de peças ergonômicas e antropometricamente condizentes com o público alvo, nesse sentido, vai além da funcionalidade: trata-se de uma ferramenta para inclusão, representação e reconhecimento desses corpos no sistema da moda.

Na prática, adaptar a modelagem ao corpo *petite* exige mais do que apenas reduzir o comprimento das peças. É necessário considerar a proporcionalidade entre as partes do corpo e sua estrutura específica, com ajustes que envolvem o

reposicionamento da cintura, a altura do busto e a redução do gancho das calças. As mangas devem ter comprimento adequado sem comprometer a mobilidade, e as barras devem ser encurtadas sem achatar visualmente a silhueta. Como explica Martins (2005, p.87), a ergonomia no vestuário “implica em compreender o corpo em sua diversidade e aplicar soluções que integrem conforto físico e bem-estar psicológico”. Além disso, pences e recortes precisam ser reposicionados para que respeitem a anatomia e favoreçam o caimento. Essas adaptações garantem que a roupa se ajuste de forma natural ao corpo petite, preservando sua funcionalidade e promovendo o conforto durante o uso.

Mais do que uma questão técnica, vestir-se com uma peça que respeita a forma e a proporção do corpo impacta diretamente a autoestima e o bem-estar da usuária. Para muitas mulheres, encontrar roupas que sirvam bem significa sentir-se representada e pertencente a um espaço simbólico que, por muito tempo, ignorou suas especificidades corporais. Como afirma Castilho (2005), o corpo é o suporte ideal para a moda, o que reforça a importância de adaptar a roupa ao corpo real e não a um padrão abstrato. A aplicação da ergonomia na modelagem para mulheres de baixa estatura também pode ser compreendida como um gesto de respeito à diversidade corporal e um passo importante na construção de uma moda mais empática e inclusiva.

Dessa forma, percebe-se que a antropometria e a ergonomia não atuam de forma isolada, mas sim de maneira integrada, oferecendo subsídios técnicos para a criação de vestuário que respeite as proporções do corpo, proporcione conforto e assegure funcionalidade, especialmente para o público feminino petite. A atenção a esses aspectos é essencial não apenas para o caimento das peças, mas também para garantir que a moda seja inclusiva e representativa de diferentes tipos de corpo. Essa discussão naturalmente conduz à temática da próxima seção, que abordará o consumo de moda e a autoestima, evidenciando como a ausência de modelagens adequadas e de roupas específicas para mulheres petite impacta a experiência de compra, o bem-estar e a percepção de pertencimento no contexto da moda, com base em observações realizadas em lojas de departamento e experimentações práticas de vestuário.

## 5.1 PRINCIPAIS PROBLEMAS DE CAIMENTO EM CORPOS PETITE

Como apresentado na seção anterior, os princípios da antropometria e da ergonomia aplicados ao vestuário são essenciais para garantir o conforto, o caimento e a aparência das peças. Diante disso, esta subseção analisa os principais problemas observados nas modelagens convencionais quando aplicadas ao corpo petite.

Um dos principais problemas observados está nos entrepernas, que nas modelagens tradicionais é mais longa do que o necessário. Isso faz com que as calças ultrapassem o comprimento ideal, acumulando tecido próximo aos tornozelos ou arrastando no chão, obrigando muitas mulheres petite a realizar ajustes de barra para que o comprimento fique adequado.

Outro ponto crítico é a altura do gancho, ou seja, a distância entre a virilha e a cintura. Nas modelagens regulares, essa medida costuma ser maior, o que faz com que o gancho fique “caído” em um corpo de estatura reduzida, deslocando a posição natural da cintura e comprometendo a proporção da peça. O resultado é um visual desajustado e desproporcional, além de um desconforto evidente na região do quadril e da virilha. A Figura 7 mostra a diferença de proporção entre uma calça jeans padrão e uma versão petite, indicando como o caimento altera com o tipo de modelagem.

**Figura 7** - Diferença de proporção entre uma calça jeans tamanho tradicional e uma tamanho petite



**Fonte:** adaptado de Short Story Box, (2025), com tradução e edição própria (2025). Disponível em: <https://my.shortstorybox.com/>. Acesso em: 4 nov. 2025

O comprimento das mangas também apresenta recorrentes inadequações. Como as mangas são projetadas para braços mais longos, em corpos petite elas tendem a ultrapassar a linha do punho, formando dobras indesejadas e transmitindo a sensação de uma peça grande demais ou mal ajustada. Esse problema é especialmente visível em blazers, camisas e casacos, que deveriam transmitir elegância e estrutura, mas acabam com um aspecto desalinhado e excessivamente amplo. Na Figura 8 observa-se a comparação entre um blazer reto alongado e sua contraparte petite, destacando impactos no comprimento total da peça.

**Figura 8** - Diferença de proporção entre um blazer reto alongado tamanho tradicional e um tamanho petite.



**Fonte:** Adaptado de Short Story Box, (2025), com tradução e edição própria (2025). Disponível em: <https://my.shortstorybox.com/>. Acesso em: 4 nov. 2025

A cava medida entre o ombro e a axila é outro elemento de grande impacto no caimento. Nas roupas convencionais, essa medida costuma ser muito profunda para mulheres de baixa estatura, o que gera excesso de tecido sob as axilas e prejudica o encaixe do busto e dos ombros. O ideal, nas modelagens petite, é que a cava seja mais rente à axila, proporcionando melhor mobilidade e uma aparência mais ajustada e proporcional.

As blusas e camisas também sofrem com o excesso de comprimento. Em mulheres petite, é comum que essas peças ultrapassem a linha do quadril, criando

um visual alongado e desproporcional, como se a peça fosse um vestido curto ou uma bata. Esse mesmo problema se estende a jaquetas, moletoms e blazers, que acabam transmitindo a impressão de volume excessivo, fazendo com que a silhueta pareça maior ou mais larga do que realmente é. A Figura 9 ilustra a variação de proporção entre uma blusa em tamanho tradicional e sua versão petite, útil para compreender ajustes de largura e comprimento.

**Figura 9** - Diferença de proporção entre uma blusa tamanho tradicional e um tamanho petite



**Fonte:** adaptado de Short Story Box, (2025), com tradução e edição própria (2025). Disponível em: <https://my.shortstorybox.com/>. Acesso em: 4 nov. 2025

No caso dos vestidos e saias, as distorções de proporção se tornam ainda mais evidentes. Vestidos mídi, por exemplo, que deveriam terminar na altura da canela, frequentemente passam do tornozelo, perdendo a proposta original de comprimento. Já os vestidos longos tornam-se excessivamente compridos, acumulando tecido na barra e comprometendo tanto a estética quanto a funcionalidade da peça.

Além desses fatores, a linha de cintura tende a ficar mais baixa do que o ideal, o que compromete a proporção e alonga visualmente o tronco. O posicionamento dos bolsos, principalmente os traseiros, costuma ficar deslocado também. Nas calças, a marcação da linha do joelho geralmente fica posicionada mais para baixo do que o ideal, pois é pensada para pernas mais longas. Isso faz com que o tecido dobre ou repuxe em pontos errados, comprometendo o caimento e a liberdade de movimento

já em blusas e vestidos, decotes e recortes aparecem rebaixados, resultando em desconforto e falta de sustentação adequada no busto. Conforme a Figura 10, a comparação entre um macacão em tamanho tradicional e um em versão petite exemplifica as alterações de gancho e barra que afetam o caimento.

**Figura 10** - Diferença de proporção entre um macacão tamanho tradicional e um tamanho petite.

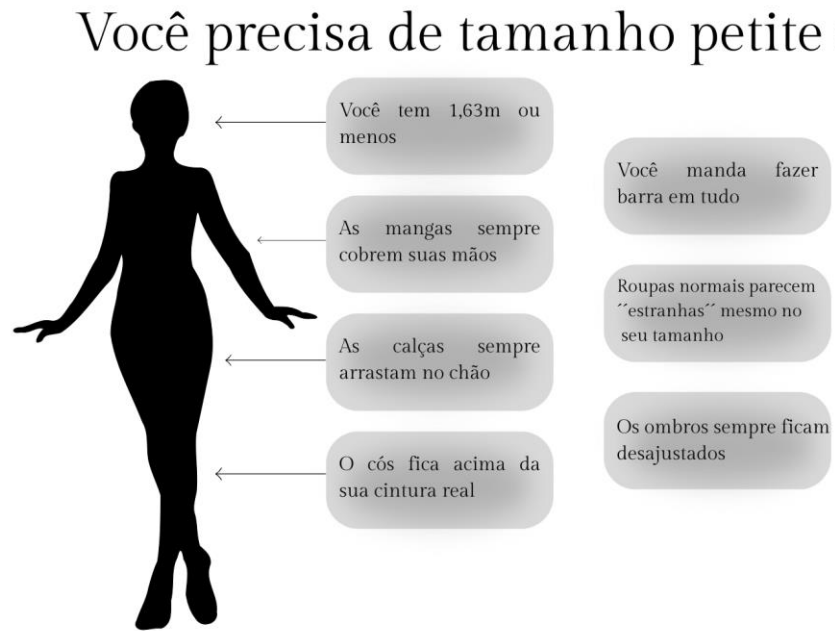


**Fonte:** adaptado de Short Story Box, (2025), com tradução e edição própria (2025). Disponível em: <https://my.shortstorybox.com/>. Acesso em: 4 nov. 2025

Por fim, as pences, especialmente as de busto, também costumam ficar mal posicionadas em corpos petite. Como são projetadas para torsos mais longos, acabam ficando abaixo da linha correta, o que impede que o molde modele adequadamente o busto e prejudica a harmonia da peça. Esse desalinhamento é um dos sinais mais evidentes de uma roupa confeccionada sem considerar as proporções de um corpo mais baixo.

Compreender essas inadequações é essencial para orientar ajustes proporcionais e propor soluções de modelagem que atendam de forma precisa às necessidades do corpo petite. Como mostra a Figura 11, são apresentados indicadores que evidenciam a necessidade do uso do tamanho petite no vestuário feminino.

**Figura 11** - Indicadores da necessidade do uso do tamanho petite no vestuário feminino.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

## 6 CONSUMO DE MODA E AUTOESTIMA

O consumo de moda vai além da função utilitária das roupas, desempenhando papel simbólico na construção da autoestima e da percepção de si. Segundo Gonzaga & Martins (2019), a adequação das peças ao corpo feminino influencia diretamente a autopercepção, evidenciando que roupas bem ajustadas podem reforçar a confiança e a sensação de bem-estar. Dificuldades em encontrar vestuário compatível com as proporções corporais podem gerar insatisfação e impactar negativamente a autoestima. Por outro lado, quando o consumo de moda atende às necessidades físicas e estéticas do indivíduo, ele se torna uma ferramenta de afirmação pessoal, permitindo que a identidade seja expressa de forma positiva e valorizando a relação com o próprio corpo.

Para mulheres *petite*, que enfrentam com frequência a falta de roupas proporcionais, o consumo de moda se torna especialmente relevante. Nesse contexto, recorrer a alfaiates, costureiras autônomas ou ateliês sob medida é uma estratégia para contornar a escassez de opções no mercado, garantindo ajuste, conforto e estética. Apesar das vantagens, essa prática exige maior esforço, envolvendo a compra de tecidos, contato com profissionais, ajustes durante a confecção e maior investimento de tempo e recursos financeiros

Para compreender de forma prática como a oferta de vestuário influencia a autoestima de mulheres *petite*, foi realizada uma pesquisa autônoma em lojas de shopping, incluindo grandes redes de departamentos femininos. O estudo avaliou se as peças disponíveis respeitam as proporções corporais desse público e evidencia que a escassez de roupas adaptadas não afeta apenas a experiência de consumo, mas também a percepção de si e a valorização da imagem corporal. Dessa forma, a pesquisa reforça a relação entre disponibilidade de vestuário, consumo de moda e autoestima, destacando a importância de opções *petite* no mercado.

### 6.1 PESQUISA DE CAMPO SOBRE CONSUMO

Para a realização da pesquisa de campo, foram selecionadas peças de vestuário femininas disponíveis em duas lojas de departamento Renner e Riachuelo localizadas em um shopping da cidade, com o objetivo de observar, na prática, como as modelagens convencionais se comportam no corpo de uma mulher *petite*. A

princípio foi definido um mix de peças para a ida a campo. A escolha das peças seguiu critérios padronizados, priorizando modelos básicos e clássicos do guarda-roupa feminino como camisa social, calça jeans reta, calça social, vestido midi, blusa básica e macacão, de modo a representar tipologias comuns no vestuário cotidiano e que sintetizam a construção da modelagem convencional. As roupas foram escolhidas sempre no tamanho correspondente ao da modelo de prova (a própria pesquisadora) que possui 1,60 m de altura, sendo tamanho M para blusas, camisas e vestidos, e numeração 40 para calças e macacões. Essa padronização teve o propósito de evitar vieses de seleção, assegurando que as análises de caimento se baseassem em peças condizentes com as medidas reais da usuária e não em tamanhos desproporcionais. Cada peça foi experimentada, fotografada e analisada individualmente, considerando aspectos de ajuste, proporção e harmonia visual, a fim de evidenciar de que maneira as modelagens do varejo convencional não contemplam adequadamente as especificidades do corpo petite.

As fotografias foram realizadas nos provadores das próprias lojas, utilizando o celular da pesquisadora. Os registros foram feitos de forma simples, diretamente em frente ao espelho, de modo a evidenciar o caimento real das peças no corpo, sem interferências externas de iluminação ou edição. O objetivo dos registros foi documentar de maneira fiel a experiência da usuária durante a prova das roupas, reproduzindo uma situação cotidiana de consumo. Além das imagens de corpo inteiro, foram capturados detalhes específicos, como mangas e barras, a fim de destacar os pontos de desajuste mais recorrentes. Esses registros serviram como suporte visual para a análise qualitativa, permitindo observar, de forma empírica, as limitações das modelagens convencionais diante das proporções corporais de uma mulher de baixa estatura. Tais evidências reforçam o quanto a experiência de compra pode se tornar desgastante e frustrante para esse público, especialmente diante da recorrência de peças que não atendem às suas necessidades específicas.

**Figura 12** - Look composto por blusa azul e calça jeans.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

No primeiro look, composto pela blusa azul e a calça jeans (Figura 12), observa-se que a blusa possui um comprimento abaixo da linha do quadril, o que provoca o achatamento da silhueta e alonga visualmente o tronco de forma desproporcional. Esse tipo de modelagem não valoriza o corpo petite, pois rompe o equilíbrio entre tronco e pernas. Já a calça jeans apresenta excesso de tecido na barra, evidenciando que foi desenvolvida para mulheres mais altas. Além disso, sua modelagem reta, sem ajustes específicos de altura de gancho e comprimento de perna, reforça a inadequação da peça ao público de estatura reduzida. Devido a essa desproporção no gancho, é comum que a mulher petite precise ajustar a calça manualmente, puxando-a para cima a fim de evitar que o gancho fique muito baixo e cause desconforto. No entanto, ao fazer isso, a cintura da calça acaba ficando excessivamente alta, ultrapassando a linha natural da cintura e, muitas vezes, chegando acima do umbigo. Esse reposicionamento altera completamente o caimento e o equilíbrio da peça no corpo, demonstrando que a modelagem não foi pensada para atender às proporções desse biotipo.

**Figura 13** - Blusa no site da Riachuelo



**Fonte:** Riachuelo (2025). Disponível em: [https://www.riachuelo.com.br/regata-feminina-celina-gola-alta-azul-16071930\\_sku\\_sku](https://www.riachuelo.com.br/regata-feminina-celina-gola-alta-azul-16071930_sku_sku). Acesso em: 4 nov. 2025

Como pode ser observado na fotografia oficial disponibilizada no site da loja Riachuelo (Figura 13), a peça é exibida em uma modelo com estatura superior a 1,70 m — característica recorrente entre as modelos utilizadas pela marca, conforme verificado durante a pesquisa. Nessa representação, a blusa apresenta o caimento ideal previsto pelo design, posicionando-se exatamente na altura esperada, sem ultrapassar a linha do quadril, o que evidencia que sua modelagem foi concebida para corpos mais altos. Da mesma forma, a calça jeans demonstrada no site (Figura 14) não apresenta qualquer sobra de tecido na região das pernas, reforçando a adequação das proporções da peça ao corpo da modelo. Esse contraste entre o caimento observado na usuária petite e o apresentado nos registros oficiais destaca a distância existente entre a modelagem convencional e as necessidades reais de mulheres de estatura reduzida.

**Figura 14** - Calça jeans no site da Riachuelo



Fonte: Riachuelo (2025). Disponível em: [https://www.riachuelo.com.br/calca-jeans-feminina-reta-slim-cintura-media-denim-escuro-pool-jeans-15956024\\_sku\\_sku](https://www.riachuelo.com.br/calca-jeans-feminina-reta-slim-cintura-media-denim-escuro-pool-jeans-15956024_sku_sku). Acesso em: 4 nov. 2025

**Figura 15** - Look composto por blusa alongada e calça social.



Fonte: Autoria própria (2025)

No segundo look, composto pela bata amarela e a calça social cinza (Figura 15), a calça apresenta um comprimento adequado para mulheres baixinhas, visto que, em mulheres altas, o mesmo comprimento equivaleria a uma calça capri, que fica um pouco acima do tornozelo. Nesse caso, portanto, o ajuste de barra se mostra proporcional ao corpo petite. Por outro lado, a bata amarela, embora possua uma modelagem naturalmente alongada, torna-se ainda mais comprida nesse biotipo, ultrapassando a linha do quadril e cobrindo parcialmente o bumbum. Esse fator gera desproporção visual e encurta a silhueta, o que evidencia que a peça não foi desenvolvida para o público petite.

**Figura 16** - Blusa alongada no site da Riachuelo



**Fonte:** Riachuelo (2025). Disponível em: [https://www.riachuelo.com.br/regata-feminina-ampla-com-viscolinho-amarela-16115970\\_sku\\_sku](https://www.riachuelo.com.br/regata-feminina-ampla-com-viscolinho-amarela-16115970_sku_sku). Acesso em: 4 nov. 2025

**Figura 17** - Calça social da Riachuelo



**Fonte:** Riachuelo (2025). Disponível em: [https://www.riachuelo.com.br/calca-feminina-alfaiataria-luka-com-cinto-fino-ak-by-riachuelo-14925494\\_sku\\_sku\\_cinza-escuro](https://www.riachuelo.com.br/calca-feminina-alfaiataria-luka-com-cinto-fino-ak-by-riachuelo-14925494_sku_sku_cinza-escuro). Acesso em: 4 nov. 2025

Como pode ser observado na imagem oficial da peça disponibilizada no site da loja de departamento (Figura 16), a bata apresenta uma modelagem naturalmente alongada. No entanto, percebe-se que, na modelo — cuja estatura é superior à de uma mulher petite — a peça se mostra visualmente mais proporcional, uma vez que o comprimento se distribui de forma mais equilibrada no corpo. Já no caso da calça social exibida no site (Figura 17), a peça apresenta-se com um comprimento semelhante ao de uma calça capri, característica compatível com a altura elevada da modelo. Em contraste, quando vestida por uma mulher de baixa estatura, a mesma calça assume um comprimento considerado adequado, evidenciando como a estatura influencia diretamente a percepção e o comportamento da modelagem no corpo.

**Figura 18** - Look composto por macacão

**Fonte:** Autoria própria (2025).

Já o terceiro look refere-se a um macacão azul-marinho (Figura 18), que apresenta gancho excessivamente baixo, sobra de tecido na barra e posicionamento da linha de cintura deslocado para baixo, características que indicam que a peça foi projetada para mulheres de maior estatura. Para melhor adequação ao corpo petite, foi necessário ajustar a parte superior, elevando levemente o top para que o macacão se moldasse melhor à silhueta. Ainda assim, nota-se que a modelagem geral da peça não gerou harmonia visual no corpo petite. No caso do macacão, não foi possível localizar a foto oficial da peça no site da loja durante o período da pesquisa, o que indica que o item pode não estar mais disponível no catálogo online. Assim, a análise deste look baseia-se exclusivamente nas imagens produzidas em campo

**Figura 19** - Look composto por vestido midi.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

O quarto look é composto por um vestido midi (Figura 19), que, ao ser vestido por uma mulher petite, apresenta proporções diferentes das previstas em sua modelagem original. A peça, que deveria ter comprimento midi — ou seja, situar-se entre a metade da panturrilha —, acaba atingindo a altura de um vestido longo, ajustando-se ao corpo de forma semelhante a essa modelagem. Na prática, observa-se que uma peça concebida como midi para mulheres de estatura média ou alta acaba assumindo, nesse biotipo, o caimento e o comprimento de um vestido longo.

**Figura 20** - Vestido midi reto no site da Riachuelo



**Fonte:** Riachuelo (2025). Disponível em: [https://www.riachuelo.com.br/vestido-midi-reto-com-viscose-e-fenda-16090675\\_sku\\_sku\\_bege](https://www.riachuelo.com.br/vestido-midi-reto-com-viscose-e-fenda-16090675_sku_sku_bege). Acesso em: 4 nov. 2025

Como pode ser percebido na imagem disponibilizada pela loja de departamentos (Figura 20), o vestido apresenta-se, na modelo, exatamente com o comprimento desejado pela proposta midi, ficando levemente acima da linha do tornozelo. Contudo, em uma mulher de baixa estatura, essa mesma peça adquire outra leitura visual, passando a cumprir o papel de um vestido longo. Essa diferença evidencia como a estatura influencia diretamente a interpretação das proporções da peça, revelando mais uma limitação das modelagens convencionais quando aplicadas a corpos petite.

**Figura 21** - Look composto por camisa.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

O quinto look é composto pela mesma calça jeans de modelagem reta, agora combinada com uma camisa social (Figura 21). Essa camisa, conforme descrito pela própria marca, possui uma modelagem ampla, ou seja, é naturalmente mais solta no corpo. No entanto, ao ser vestida por uma mulher petite, as desproporções tornam-se ainda mais evidentes. Observa-se que as mangas ultrapassam significativamente a linha do punho, chegando até a altura dos dedos, o que indica excesso de comprimento. Além disso, o comprimento da peça é demasiadamente alongado, cobrindo toda a região do quadril e do bumbum, o que desequilibra visualmente as proporções do corpo e alonga o tronco de maneira desarmônica.

Outro ponto perceptível é a linha dos ombros, que ficou deslocada e caída, reforçando a sensação de sobra de tecido e falta de estrutura adequada para o biotipo. A camisa também se mostra ampla na região da silhueta e nas costas, sem qualquer ajuste que valorize as formas corporais menores. Mesmo ao tentar usá-la por dentro da calça, o resultado visual não se mostra satisfatório, pois o tecido da camisaria, de gramatura mais espessa, não se acomoda bem dentro da calça, criando volume e pregas indesejadas. Tentou-se ainda utilizar as mangas arregaçadas, recurso comum no uso desse tipo de peça, mas a quantidade excessiva de tecido nos braços manteve a aparência desproporcional. Dessa forma, observa-se que a camisa apresenta uma série de inadequações em termos de modelagem, caimento e proporção, confirmando que não foi projetada para o público petite.

**Figura 22** - Camisa no site da Riachuelo



**Fonte:** Riachuelo (2025). Disponível em: [https://www.riachuelo.com.br/camisa-feminina-ampla-listrada-com-bolso-azul-15907260\\_sku\\_sku](https://www.riachuelo.com.br/camisa-feminina-ampla-listrada-com-bolso-azul-15907260_sku_sku). Acesso em: 4 nov. 2025

Já na foto disponibilizada no site (Figura 22), é possível perceber que a camisa, embora tenha uma proposta levemente oversized, apresenta um caimento adequado ao corpo da modelo — que, novamente, possui estatura elevada e estrutura corporal mais robusta. Nessa composição, a linha do ombro se posiciona de forma proporcional, o comprimento da peça mantém-se dentro do esperado para o modelo e a silhueta não aparenta excesso de volume, diferentemente do que ocorre em mulheres petite, para quem a mesma camisa tende a parecer ampla em demasia e desproporcional ao corpo.

**Figura 23** - Look composto por calça jeans e camisa.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

O sexto look foi produzido na segunda loja e é composto por uma calça jeans reta, de modelagem denominada pela marca como “reta slim”, e uma camisa social (Figura 23). Embora o termo “reta slim” sugira um ajuste mais próximo ao corpo, trata-se de uma modelagem que, neste caso, apresenta um caimento levemente solto. Em comparação com a calça da loja anterior, que possuía um corte mais próximo ao estilo skinny, esta versão mostra-se um pouco mais ampla. Ainda assim, observa-se o mesmo problema no comprimento da barra, com sobra de tecido perceptível, o que demonstra que a peça foi desenvolvida para mulheres de maior estatura. Apesar disso, a calça apresenta bom ajuste na região das coxas e quadril.

Já a camisa social apresenta praticamente as mesmas inadequações observadas na peça semelhante da loja anterior. Mesmo sem ser descrita pela marca como uma modelagem alongada, o comprimento final da peça ultrapassa a linha do quadril, cobrindo completamente o bumbum. As mangas são excessivamente longas, chegando até os dedos, e há sobra visível de tecido na cava, o que reforça a falta de ajuste para corpos de estatura reduzida. Quando usada por dentro da calça, a camisa também apresenta volume excessivo e formação de dobras, o que prejudica a aparência final do look e confirma a incompatibilidade da modelagem com o corpo petite.

**Figura 24** - Camisa no site da Renner



**Fonte:** Renner (2025). Disponível em: <https://www.lojasrenner.com.br/p/camisa-alongada-em-viscose-e-linho-com-botoes/-/A-929058199-br.lr?sku=929111981>. Acesso em: 4 nov. 2025

Como pode ser observado na imagem do site da Renner (Figura 24), esta camisa apresenta os mesmos desalinhamentos de proporção identificados na peça anterior provada na Riachuelo pela usuária. A linha dos ombros se mostra excessivamente caída, as mangas tornam-se significativamente longas e o comprimento geral da camisa revela-se ampliado de maneira desproporcional ao corpo petite, conferindo a impressão de um tamanho maior do que o adequado. Já na modelo do site — que possui estatura mais elevada e estrutura corporal mais robusta — a peça se ajusta de forma equilibrada, com ombros posicionados corretamente, mangas na altura prevista e comprimento proporcional, evidenciando que a modelagem foi pensada para corpos mais altos. Além disso, a calça (Figura 25) apresenta inúmeras sobras na barra quando vestida pela mulher petite, enquanto na modelo o comprimento permanece adequado e alinhado à proposta original da peça.

**Figura 25** - Calça jeans no site da Renner



**Fonte:** Renner (2025).Disponível em: <https://www.lojasrenner.com.br/p/calca-reta-comfort-em-jeans-com-bolsos-cargo/-/A-929646169-br.lr?sku=929646290>. Acesso em: 4 nov. 2025

**Figura 26** - Look composto por macacão.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

O oitavo look é composto por um macacão (Figura 26), que apresenta características semelhantes ao modelo analisado na primeira loja. Assim como o anterior, este macacão possui gancho excessivamente baixo, o que causa desconforto ao caminhar, além de sobra de tecido na barra, evidenciando novamente

que a peça foi desenvolvida para mulheres de maior estatura. Entretanto, observa-se um ponto positivo em relação à posição dos bolsos, que neste caso está correta e bem ajustada ao corpo, contribuindo para um caimento ligeiramente mais equilibrado visualmente, embora a modelagem geral ainda se mantenha inadequada às proporções petite.

**Figura 27** - Macacão no site da Renner



**Fonte:** Renner (2025). Disponível em: <https://www.lojasrenner.com.br/p/macacao-alfaiataria-com-alca-fina-e-cinto-de-pu/-/A-929423150-br.lr?sku=929423176>. Acesso em 4 nov. 2025.

Já no macacão, observa-se um padrão semelhante aos problemas identificados na peça da Riachuelo. A barra apresenta excesso de tecido, formando dobras evidentes, e o gancho mostra-se alongado, o que compromete o caimento da peça em um corpo petite. Em contraste, na imagem disponibilizada no site da loja (Figura 27), o macacão veste de maneira proporcional ao entrepernas da modelo,

evidenciando um ajuste adequado ao seu comprimento de perna — novamente indicando que a modelagem foi pensada para mulheres mais altas.

**Figura 28** - Look composto por blusa e calça social.



**Fonte:** Autoria própria, (2025).

Já o nono look é composto por uma calça social e uma blusa básica (Figura 28). A calça social, neste caso, apresenta um leve excesso de tecido na barra, diferente da versão observada na loja anterior, que possuía comprimento mais ajustado ao corpo petite. Além disso, o gancho mostra-se levemente baixo, o que interfere discretamente na harmonia do caimento. Apesar disso, os bolsos estão corretamente posicionados, contribuindo para uma aparência mais proporcional na região do quadril. A blusa básica, por sua vez, apresenta um comprimento ligeiramente alongado, ultrapassando a linha do quadril quando usada por fora da calça. Esse fator compromete o equilíbrio visual e encurta a silhueta, tornando o visual desarmônico. No entanto, quando a peça é usada por dentro da calça, o resultado se mostra mais harmônico, valorizando as proporções e criando uma linha de cintura mais bem definida. Dessa forma, o conjunto evidencia novamente a importância de ajustes de comprimento e altura de gancho nas peças destinadas ao público alvo, para garantir conforto, proporção e equilíbrio estético.

**Figura 29** - Blusa no site da Renner



**Fonte:** Renner (2025). Disponível em: <https://www.lojasrenner.com.br/p/blusa-canelada-em-ribana-com-manga-sem-cava/-/A-928500862-br.lr?sku=930222531>. Acesso em: 4 nov. 2025

No look composto por blusa básica e calça social, observa-se que, na imagem disponibilizada pelo site da loja (Figura 29), a blusa apresenta um caimento proporcional ao corpo da modelo, posicionando-se acima da linha do quadril — conforme esperado para esse tipo de peça. Já na mulher de estatura reduzida, a blusa ultrapassa essa linha, comportamento semelhante ao registrado anteriormente na peça da Riachuelo, o que evidencia como o comprimento pensado para mulheres mais altas se torna desproporcional em corpos petite.

Em relação à calça social, nota-se que, na modelo do site (Figura 30), o comprimento encontra-se adequado, sem sobras de tecido na barra, apresentando um caimento alinhado à proposta original da peça. Entretanto, na usuária de baixa estatura, a calça revela um leve excesso de tecido na barra e um gancho discretamente mais baixo, indicando que a modelagem não foi desenvolvida para atender às suas proporções corporais.

**Figura 30** - Calça social no site da Renner



**Fonte:** Renner (2025). Disponível em: <https://www.lojasrenner.com.br/p/calca-cenoura-cintura-alta-com-botao-de-metal-martelado/-/A-929385616-br.lr?sku=929385739>. Acesso em: 4 nov. 2025

**Figura 31** - Look composto por vestido midi.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

O décimo look é composto por um vestido midi (Figura 31), que, apesar de ser no tamanho M, o mesmo utilizado como referência pela modelo de prova da marca, apresentou um caimento excessivamente justo no corpo, destoando da proposta original da peça. Esse fato evidencia outro problema recorrente na indústria da moda: a falta de padronização nas formas e medidas utilizadas pelas marcas, o que compromete a precisão dos tamanhos e afeta diretamente o público consumidor. Além disso, observa-se novamente o mesmo problema identificado no vestido midi da primeira loja. Embora a modelagem tenha sido concebida para um comprimento intermediário como pode ser observado na imagem disponível da peça no site da Renner (Figura 32), o vestido acaba se comportando como um modelo longo quando vestido por uma mulher petite. Assim, o que deveria ter o caimento característico de um midi — na altura entre o joelho e a metade da panturrilha — torna-se, na prática, um vestido longo ajustado, reforçando a inadequação das proporções e confirmando que a peça não foi desenvolvida considerando as medidas e necessidades do corpo petite.

**Figura 32** - Vestido midi no site da Renner



**Fonte:** Renner (2025). Disponível em: <https://www.lojasrenner.com.br/p/vestido-long-midi-em-viscolinho-com-drapeado-na-cintura/-/A-929537341-br.lr?sku=929710335>. Acesso em: 4 nov. 2025.

De modo geral, a pesquisa de campo evidenciou a carência de opções adequadas para o público feminino petite no varejo de moda convencional, revelando a dificuldade dessas consumidoras em encontrar peças que se ajustem corretamente às suas proporções corporais. A experiência de compra torna-se, portanto, um processo frequentemente frustrante, marcado pela necessidade constante de ajustes e pela sensação de que as modelagens disponíveis não contemplam sua realidade física. Essa falta de representatividade no desenvolvimento das grades de tamanho e de proporção reforça a exclusão de um público expressivo do mercado, demonstrando a urgência de uma abordagem mais inclusiva na criação de vestuário, que considere a diversidade de estaturas e proporções femininas como parte essencial do design e da ergonomia da moda.

## 7 MERCADO E MODA INCLUSIVA PETITE

No mercado da moda nacional, observa-se um tímido crescimento de marcas especializadas no segmento petite wear, voltadas para atender mulheres com estatura baixa, buscando oferecer roupas que respeitem suas proporções corporais e promovam maior representatividade. Um exemplo é o Ateliê 34, que tem como propósito principal representar o público petite por meio de coleções com modelagens versáteis e adaptáveis. Suas peças valorizam elementos de design como amarrações e laços, desenvolvidos de acordo com as proporções corporais de mulheres de até 1,65 m. A marca adota o modelo slow fashion, priorizando práticas sustentáveis e o sistema zero waste, reaproveitando sobras de tecido na confecção de acessórios. A grade de tamanhos vai do PP ao GG, e o valor médio das peças varia entre R\$ 95,00 e R\$ 454,00.

Outra iniciativa relevante é a Armase, voltada a mulheres magras e/ou de baixa estatura. Criada após a participação da diretora comercial Maria de Jesus Passos em um programa de liderança da Fundação Estudar, a marca busca atender especificamente ao público petite magro. Suas coleções, inspiradas em localidades como Piauí, Paris e Quioto, combinam produtos prontos para o uso e sob encomenda, com tamanhos do 32 ao 40 e do XPP ao G. Segundo o site oficial, o foco são mulheres magras com até 1,60 m de altura. Os preços médios variam entre R\$ 35,00 e R\$ 199,00.

Seguindo a mesma proposta de valorização da modelagem, a Versilitá diferencia-se por desenvolver internamente suas coleções, com base em pesquisas sobre o corpo petite e o caimento das peças. As modelagens são criadas a partir de medidas reais e passam por provas finais para garantir ajuste ideal. A marca adota práticas éticas e sustentáveis, utilizando tecidos de alta qualidade e contando com quatro fábricas parceiras especializadas no acabamento. A grade de tamanhos vai do PP/32 ao G/42, e os preços variam entre R\$ 258,00 e R\$ 788,00. Um diferencial é o serviço “Prove em casa”, que permite a cliente experimentar as peças em até 48 horas, arcando apenas com o frete em caso de devolução.

A marca Nina Miquelini, criada em 2021, também atua sob o conceito de slow fashion e dedica-se exclusivamente a mulheres de baixa estatura. Seu propósito é reconhecer a diversidade de formas e curvas desse público, frequentemente

invisibilizado pelo mercado tradicional. Trabalha com tamanhos do 32 ao 40 e faixa de preço entre R\$ 149,00 e R\$ 529,00.

A marca 163 – Moda à sua Altura, dedica-se à criação de roupas voltadas para mulheres petite que vestem do tamanho 34 ao 46. Seu propósito é uma nova perspectiva sobre o vestir, na qual a roupa se ajusta à mulher. Comprometida com a qualidade e o estilo, a 163 desenvolve peças pensadas “à altura” de suas consumidoras, tanto no sentido físico quanto simbólico, representando um manifesto de auto aceitação e valorização da individualidade. Com presença digital consolidada, oferece acesso facilitado por meio do e-commerce e do delivery. Sua faixa de preços varia entre R\$ 98,00 e R\$ 470,00.

Além dessas marcas autorais, outras iniciativas de menor impacto também se destacam. A Princesa, fundada em 2008 em Blumenau (SC), é uma marca digital inicialmente voltada à camisaria feminina, que passou a incluir uma linha específica para mulheres com menos de 1,60 m de altura, com tamanhos do 34 ao 54 e preços entre R\$ 218,00 e R\$ 558,00. Já a Shein, plataforma global de e-commerce, disponibiliza uma seção petite com ampla variedade de estilos e preços acessíveis, variando de R\$ 24,00 a R\$ 485,00, e tamanhos do XXS ao L.

A Tabela comparativa de medidas (Tabela 1) apresenta uma comparação entre os valores referenciais da ABNT para o tamanho 34 (biótipos ampulheta e retângulo) e as medidas fornecidas pelas marcas autorais focalizadas no público petite: Ateliê 34, Armase, Versilitta, Nina Miquelini e 163 Moda. A seguir, se discute as diferenças encontradas e suas implicações.

**Tabela 1** - Comparativa de medidas do tamanho 34 segundo ABNT (2021) e marcas nacionais petite.

### **Tabela comparativa de medidas (tamanho 34)**

	ABNT (2021) corpo ampulheta	ABNT (2021) corpo retângulo	Ateliê	Armase	Versilitta	Nina Miquelini	163 Moda
Tamanho	34 1,50cm - 1,57cm	34 1,50cm - 1,57cm	36	34	00	32	34 1,57cm
Circunferência do busto	80	80	82	74-82	80	78	82
Circunferência da cintura	62	66	64	58-62	64	60	64
Circunferência do quadril	88	86	88	82-88	88	89	90
Comprimento do braço	58-59	58-59	56				
Distância da cintura ao solo	90-93	90-93	85		99		97
Ombro a ombro frente			44				
Ombro a ombro costas	36	36				38	

**Fonte:** Autoria própria (2025).

### 7.1. ANÁLISE COMPARATIVA DAS MEDIDAS (TAMANHO 34)

A Tabela apresenta a comparação entre as medidas corporais femininas padronizadas pela ABNT (2021) e aquelas empregadas por marcas que trabalham com o público de estatura baixa (*petite*), considerando o tamanho 34. As medidas da ABNT foram analisadas para dois tipos corporais — *ampulheta* e *retangular* —, ambos referentes à faixa de estatura entre 1,50 m e 1,57 m, o que permite observar a adequação e as variações adotadas pelas empresas no desenvolvimento de suas modelagens.

Em relação à circunferência do busto, observa-se que o padrão da ABNT estabelece 80 cm para ambos os tipos corporais, medida mantida pela marca *Versilittá*. As marcas *Ateliê 34* e *163* apresentam uma leve ampliação (82 cm), enquanto a *Nina Miquelini* trabalha com valor inferior (78 cm), indicando uma modelagem mais ajustada. Já a *Armase* apresenta uma variação entre 74 e 82 cm, o que demonstra flexibilidade para atender diferentes biotipos dentro do mesmo tamanho.

Na medida da cintura, nota-se maior variação entre as marcas. A ABNT define 62 cm para o corpo *ampulheta* e 66 cm para o corpo *retangular*, evidenciando a diferença entre as silhuetas. As marcas *Ateliê 34*, *Versilittá* e *163* mantêm medidas intermediárias (64 cm), próximas ao padrão *ampulheta*, enquanto a *Armase* adota uma faixa entre 58 e 62 cm, permitindo melhor adaptação. A *Nina Miquelini*, com 60 cm, indica preferência por uma modelagem mais justa.

Quanto à circunferência do quadril, o padrão da ABNT é de 88 cm, valor reproduzido por *Ateliê 34* e *Versilittá*. A *Armase*, com faixa de 82 a 88 cm, sugere uma variação proporcional, enquanto *Nina Miquelini* e *163* ampliam ligeiramente essa medida (89 e 90 cm, respectivamente), o que pode indicar uma valorização da região do quadril.

O comprimento do braço e a distância da cintura ao solo também evidenciam diferenças relevantes. O padrão ABNT indica 58 a 59 cm para o braço, mantido por *Ateliê 34* e *Armase*, enquanto as demais marcas não informam esse dado. Já a distância da cintura ao solo, que na ABNT varia entre 90 e 93 cm, é reduzida para 85 cm nas marcas *Ateliê* e *Armase*, condizente com a estatura mais baixa do público-alvo. Em contrapartida, *Versilittá* e *163* apresentam medidas superiores (99 e 97 cm),

possivelmente associadas a uma modelagem estética mais alongada, e não estritamente antropométrica.

Por fim, as medidas de ombro apresentam maior ausência de dados entre as marcas. A ABNT estabelece 36 cm para o ombro costas, valor próximo ao encontrado na Nina Miquelini (38 cm). O Ateliê 34, adota 44 cm na medida de ombro frente. A falta de dados em outras marcas reforça a carência de informações que deveriam ser disponibilizadas ao público-alvo

De modo geral, as diferenças observadas demonstram que, embora as marcas sigam proporções próximas às diretrizes da ABNT, há adaptações significativas que visam atender especificidades estéticas e funcionais do público de baixa estatura. Apesar das iniciativas das marcas analisadas serem louváveis, ao se dedicarem à criação de produtos voltados especificamente para este alvo em questão, observa-se que a maior parte delas não disponibiliza tabelas de medidas tão detalhadas ou organizadas quanto o ideal seria. Em muitos casos, faltam informações antropométricas fundamentais, como a distância da cintura ao solo, as medidas de ombro a ombro (frente e costas), entre outras dimensões corporais comuns em estudos de ergonomia e modelagem.

Essa ausência de dados pode gerar incertezas e confusão entre as consumidoras, especialmente em contextos de compra por canais digitais, nos quais o ajuste da peça depende integralmente das medidas fornecidas pela marca. Além disso, tais lacunas evidenciam que o desenvolvimento de um vestuário voltado ao público petite não se limita à construção de uma modelagem adaptada, mas também requer uma comunicação clara, acessível e tecnicamente precisa. A disponibilização de informações completas e padronizadas é, portanto, fundamental para que as consumidoras compreendam melhor as proporções das peças e sintam segurança na escolha dos tamanhos, fortalecendo a relação entre marca e público-alvo

## 7.2. ANÁLISE DE PEÇA COMPARATIVA

A análise comparativa de peça apresentada a seguir tem como propósito observar como estas mesmas marcas citadas anteriormente que afirmam atender ao público petite interpretam, visualmente e ergonomicamente, a modelagem de uma peça essencial do vestuário feminino, a calça. A calça foi selecionada como peça-base para análise por ser um dos modelos que mais evidenciam as proporções

corporais femininas, especialmente no equilíbrio entre cintura, quadril e comprimento de pernas, aspectos essenciais para a adequação ergonômica de roupas voltadas ao público petite. A comparação foi realizada a partir de imagens disponibilizadas pelos sites oficiais das marcas e das medidas indicadas para o tamanho P, considerando os parâmetros de cintura, quadril e comprimento da calça (quando informados).

**Figura 33** - Calça da marca Versilittá



**Fonte:** Versilittá (2025). Disponível em: [https://www.versilitta.com.br/produtos/flare-ozzy-off/...](https://www.versilitta.com.br/produtos/flare-ozzy-off/)  
Acesso: 04 nov 2025

A calça da marca Versilittá (Figura 33) apresenta modelagem de alfaiataria com cintura média e recorte reto levemente amplo. As medidas fornecidas para o tamanho 1 (equivalente ao P) indicam cintura de 70 cm e quadril de 94 cm, proporção que revela equilíbrio entre as dimensões horizontais, mantendo uma diferença de 24 cm — valor compatível com curvas femininas suaves, comuns em corpos de baixa estatura. Embora a marca não informe o comprimento da calça, a altura da modelo (1,52 m) permite inferir que o molde foi desenvolvido com proporções adaptadas ao público petite. Visualmente, observa-se um bom caimento e ausência de excesso de tecido na barra, o que reforça a adequação ergonômica e estética do modelo.

**Figura 34** - Calça da marca Armase.



**Fonte:** Armase (2025). Disponível em: <https://www.armase.com.br/calca-em-jersey-acetinado>. Acesso em 04 nov 2025.

Na marca Armase, o tamanho P (equivalente ao 36) apresenta cintura de 68 cm, quadril de 88 cm e comprimento de perna de 96 cm. A diferença reduzida entre cintura e quadril (20 cm) sugere uma modelagem mais ajustada ao corpo (skinny). Visualmente, a calça possui cintura alta e tecido com leve brilho (Figura 34), o que reforça a valorização da forma corporal. O comprimento de 96 cm indica proporção ligeiramente alongada para o público petite, o que pode gerar sobras na barra, especialmente em mulheres abaixo de 1,55 m. Trata-se, portanto, de uma modelagem voltada mais à estética do que à adaptação ergonômica.

**Figura 35** - Calça da marca Ateliê 34.



**Fonte:** Ateliê 34 (2025). Disponível em: <https://www.atelie34.com.br/produtos/calca-gabrielle/>.

Acesso em: 4 nov. 2025

A calça do Ateliê 34 (Figura 35) possui cintura de 68 cm, quadril de 94 cm e comprimento de 88 cm, medidas que indicam excelente proporção para o público de baixa estatura, visto que o comprimento reduzido está coerente com o equilíbrio corporal de mulheres até 1,60 m. O modelo apresenta cintura alta, pregas frontais e perna reta, o que favorece o alongamento visual da silhueta. Além disso, o tecido leve e o corte limpo reforçam a intenção de conforto e movimento. Essa proposta se destaca pela coerência entre as dimensões e o design visual, configurando uma das modelagens mais adequadas ergonomicamente dentro da amostra analisada.

**Figura 36** - Calça da marca 163 moda



**Fonte:** 163 Moda (2025). Disponível em: <https://163moda.com.br/shop/calca-petite-alya-bordo/>.

Acesso em 04 nov 2025

A peça da 163 (Figura 36) apresenta cintura de 68 cm, quadril de 94 cm e comprimento de 98 cm, mantendo proporções semelhantes às do Ateliê 34, porém com comprimento ligeiramente maior. Visualmente, trata-se de uma calça de alfaiataria reta, com costuras verticais aparentes e cós alto, o que contribui para o alongamento das pernas. Entretanto, o comprimento um pouco mais extenso pode gerar ajuste necessário na barra para mulheres abaixo de 1,55 m. Apesar disso, a modelagem demonstra atenção ao equilíbrio das proporções, com cintura bem marcada e estrutura firme, adequada a diferentes biótipos dentro do público petite.

**Figura 37** - Calça da marca Nina Miquelini



**Fonte:** Nina Miquelini (2025) Disponível em <https://www.ninamiquelini.com.br/product-page/cal%C3%A7a-rachel-verde>. Acesso em: 04 nov 2025.

A calça da marca Nina Miquelini (Figura 37), no tamanho P (36), apresenta cintura de 68 cm e quadril de 97 cm, sem indicação de comprimento. A diferença de 29 cm entre cintura e quadril revela uma modelagem mais acentuada, voltada às silhuetas curvilíneas. Visualmente, a peça se destaca pela cintura alta com faixa ajustável e pela perna reta levemente ampla. Essa característica permite melhor adaptação a diferentes corpos, garantindo conforto e valorização da proporção vertical. Embora falte informação sobre o comprimento, a construção e o equilíbrio das linhas indicam preocupação estética e funcional coerente com o público *petite*.

A comparação evidencia que, apesar de todas as marcas apresentarem modelagens semelhantes de calça, existem diferenças significativas na forma como traduzem a proporção corporal feminina. Marcas como Ateliê 34 e Versilittá demonstram maior atenção à ergonomia e ao equilíbrio das medidas, apresentando proporções compatíveis com corpos de baixa estatura. Já Armase adota um molde mais ajustado e comprido, que favorece a estética em detrimento da adequação funcional. De modo geral, as diferenças observadas demonstradas na Tabela 2 indicam que, embora as marcas mantenham coerência quanto às proporções, cada uma adapta suas medidas conforme o perfil de seu público. Essa diversidade não representa um problema, desde que seja embasada em pesquisas ergonômicas e

antropométricas que assegurem ajuste adequado e conforto às mulheres de baixa estatura

**Tabela 2** - Comparativo de medidas e modelagem de calças das marcas analisadas

Marca	Cintura (cm)	Quadril (cm)	Comprimento (cm)	$\Delta$ Cintura–Quadril (cm)	Observações
Versilitta	70	94	—	24	Proporções equilibradas; modelo de 1,52 m; boa adequação ao público petite.
Armase	68	88	96	20	Modelagem mais reta e justa; comprimento ligeiramente longo para petite.
Ateliê 34	68	94	88	26	Ergonômica e equilibrada; comprimento adequado até ~1,60 m.
163 Moda	68	94	98	26	Proporção equilibrada; pode exigir ajuste de barra em estaturas <1,55 m.
Nina Miquelini	68	97	—	29	Modelagem mais curvilínea; cintura alta com faixa ajustável.

**Fonte:** Elaboração própria com base em dados informados nos sites das marcas (2025).

## **8 PROPOSIÇÃO DE UMA TABELA DE MEDIDAS AUTORAL PARA O VESTUÁRIO PETITE**

A partir dos estudos apresentados nos capítulos anteriores, que trataram dos fundamentos da antropometria e da ergonomia aplicadas ao vestuário, fica evidente a importância de compreender as proporções corporais de mulheres de baixa estatura para desenvolver modelagens adequadas às suas necessidades. A análise teórica permitiu entender não apenas os princípios de mensuração corporal e adaptação ergonômica, mas também as limitações dos padrões de medidas convencionais disponíveis no mercado.

A tabela comparativa apresentada anteriormente, elaborada a partir das medidas da ABNT (2021) e das tabelas de marcas voltadas ao público petite, evidenciou diferenças significativas entre os sistemas de medidas utilizados. Essas variações não representam um problema, mas refletem a liberdade de cada marca em desenvolver suas próprias proporções de acordo com o perfil de suas consumidoras. No entanto, a ausência de dados científicos amplos sobre o corpo petite ainda dificulta o desenvolvimento de modelagens tecnicamente embasadas, o que reforça a relevância de estudos experimentais sobre o tema.

Dessa forma, a elaboração da tabela autoral proposta neste trabalho (Tabela 3) justifica-se por múltiplos fatores. Em primeiro lugar, pela intenção de aplicar e testar na prática a metodologia desenvolvida por Valladão e Pinheiro (2021), que utiliza percentis antropométricos e relações proporcionais para ajustar medidas com maior precisão. Trata-se, portanto, de um protótipo experimental, que busca verificar a viabilidade da fórmula e compreender suas possibilidades de adaptação em novos contextos. Além disso, a construção dessa tabela serve como base técnica para o desenvolvimento da coleção autoral apresentada mais a frente, garantindo que as modelagens sejam pensadas de forma coerente com as proporções corporais do público-alvo. A proposta também se alinha ao interesse de uma futura marca direcionada a esse segmento, consolidando o estudo como um passo inicial para compreender o comportamento dimensional desse grupo e o processo de criação de uma tabela antropométrica mais aprofundada e aplicável à prática profissional.

Portanto, o objetivo desta seção é apresentar o processo de desenvolvimento dessa tabela de medidas autoral, explicando como foi pensado o cálculo das proporções corporais e como esse método pode contribuir para uma modelagem mais

ergonômica, confortável e inclusiva voltada ao público feminino petite, unindo teoria e prática no processo de criação

### 8.1. METODOLOGIA DA TABELA DE MEDIDAS AUTORAL

A elaboração da tabela de medidas autoral proposta neste estudo tem como referencial teórico o artigo “Coleção de moda para mulheres de baixa estatura”, de Valladão e Pinheiro (2021). As autoras apresentam uma metodologia voltada à compreensão das proporções do corpo feminino de estatura reduzida, ressaltando a importância de ajustar os sistemas de medidas tradicionais, que geralmente se baseiam em médias populacionais voltadas a mulheres de altura mediana, às proporções reais e às relações corporais específicas do público petite.

A partir desse referencial, a presente pesquisa propõe a construção de uma tabela de medidas autoral fundamentada em princípios antropométricos e ergonômicos, considerando não apenas valores médios, mas também a distribuição estatística das medidas corporais obtidas por meio de percentis. O uso dos percentis permite representar com maior precisão a variação natural entre corpos reais, de modo a abranger a diversidade existente dentro do grupo de mulheres de baixa estatura.

Assim, o cálculo das medidas não se limita à obtenção de médias aritméticas simples, mas é desenvolvido com base em percentis de referência (como P5, P50 e P95), que indicam os intervalos mínimos, médios e máximos de cada dimensão corporal. Essa metodologia possibilita construir uma faixa de medidas adaptável, oferecendo parâmetros que auxiliam tanto na modelagem padronizada quanto na personalização de peças.

Além disso, o método parte da compreensão de que a mulher de baixa estatura não corresponde a uma redução linear da mulher de altura média, apresentando diferenças proporcionais significativas — como menores distâncias entre a cintura e o solo, variações na altura do busto e comprimento relativo dos membros. Dessa forma, a aplicação dos percentis busca representar essas particularidades de maneira precisa, permitindo que a tabela proposta reflita as proporções reais e a ergonomia do corpo feminino petite.

A proposta, portanto, alia dados teóricos, análises comparativas e tratamento estatístico para a construção de um sistema de medidas inédito, que pretende servir

de base para o desenvolvimento de modelagens mais fiéis, confortáveis e inclusivas no design de moda voltado a esse público.

## 8.2 COLETA DE DADOS E APLICAÇÃO DOS PERCENTIS

Para a elaboração da tabela autoral de medidas petite, esta pesquisa adotou um método de coleta empírica de dados. A etapa consistiu na mensuração direta de um grupo de mulheres de baixa estatura, com o objetivo de reunir informações reais sobre suas proporções corporais.

Foram coletadas diversas medidas corporais como altura do corpo frente, altura do corpo costas, altura do busto, circunferência da cava, distância do ombro ao solo, distância da cintura ao quadril, distância da cintura ao joelho, distância da cintura ao solo, distância da cintura ao gancho, comprimento do braço, altura do cotovelo, largura do ombro, ombro a ombro frente, ombro a ombro costas e circunferência do pescoço, com base nos protocolos da antropometria aplicada ao vestuário. A amostra foi composta por dez mulheres consideradas petite, ou seja, com altura entre 1,50 m e 1,63 m.

Após a coleta dos dados, foi aplicada a fórmula estatística dos percentis, com o objetivo de identificar a distribuição das medidas dentro da amostra. A utilização dos percentis 5, 50 e 95 permitiu compreender a variação entre as medidas menores, medianas e maiores para cada segmento corporal, possibilitando a criação de uma faixa de medidas realista e representativa.

Com isso, a tabela final apresentou valores ajustados com base na realidade corporal observada, e não apenas em médias teóricas. Esse procedimento garantiu que as medidas resultantes refletissem as proporções verdadeiras do público petite analisado, respeitando suas particularidades anatômicas e contribuindo para o desenvolvimento de modelagens mais ergonômicas, confortáveis e alinhadas às necessidades desse grupo. A seguir, apresenta-se a Tabela 3, na qual podem ser visualizados os dados coletados.

**Tabela 3** - Medidas corporais das participantes (cm).

Medida	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10
Altura do corpo da frente	130	132	136	138	140	132	132	136	135	135
Altura do corpo costas	132	134	139	143	141	134	132	137	137	139
Altura do busto	22	22	24	24	26	25	30	25	25	29
Circunferência da cava	44	49	54	44	57	41	52	40	53	57
Distância da cintura ao quadril	26	27	24	27	23	25	18	18	21	24
Distância da cintura ao joelho	61	63	57	65	62	64	50	59	57	63
Distância da cintura ao solo	100	102	103	104	105	106	90	98	97	104
Distância da cintura ao gancho	28	29	28	31	35	31	33	25	29	35
Comprimento do braço	48	50	53	56	56	55	57	57	59	59
Altura do cotovelo	33	31	33	37	34	34	39	37	37	38
Largura do ombro	10	11	13	11	13	11	14	12	16	15
Ombro a ombro (frente)	39	40	39	39	42	34	35	32	32	40
Ombro a ombro (costas)	41	41	42	41	45	40	38	34	34	41
Circunferência pescoço	39	41	40	36	38	35	38	33	39	41
Circunferência busto	92	104	109	84	103	92	120	90	107	105
Circunferência cintura	78	94	93	70	95	80	101	79	98	100
Circunferência quadril	108	108	112	98	114	102	109	104	107	115
Altura das Participantes	153	157	158	160	159	162	150	156	157	163

Fonte: Autoria própria, 2025.

### 8.3 APLICAÇÃO PRÁTICA DA FÓRMULA DE CÁLCULO

Após a coleta das medidas corporais das participantes da pesquisa, procedeu-se ao cálculo dos percentis conforme a metodologia descrita por Valladão e Pinheiro (2021). Para isso, foi utilizada a seguinte fórmula estatística presente na Figura 38:

**Figura 38-** Fórmula utilizada para calcular os percentis mínimos e máximos

$$P_k = L_i + \frac{P - f_{a-1}}{f_i} * I_c$$

Onde:

Classe: No presente estudo é o intervalo de uma escala. Exemplo: A escala entre 153 e 155.

Pk: Percentil a ser calculado. K é o k-ésimo percentil.

Li: Limite inferior da classe que o contém. É o valor mínimo da escala que contém o valor de P.

P: Valor que representa a posição da medida.  $P = \frac{\text{Total de entrevistados} * k}{100}$

Fi: A frequência da classe que contém a medida solicitada. No caso dessa análise, representa a quantidade de entrevistados cujas medidas se encontram dentro de uma escala.

Fa-1: Frequência acumulada anterior a que contém a medida buscada. É a soma acumulada do número de entrevistados até a posição imediatamente anterior à posição da medida.

Ic: Intervalo da classe

**Fonte:** Valladao e Pinheiro (2021).

**Tabela 4** - Resultados da aplicação dos percentis antropométricos ao público feminino petite.

Medida	P5 (cm)	P50 (cm)	P95 (cm)	Valor padrão (cm)
Altura do corpo da frente	130,5	135,5	140,0	135,0
Altura do corpo costas	132,2	137,5	142,5	137,5
Altura do busto	22,3	25,3	29,8	26,0
Circunferência da cava	40,5	50,0	57,0	49,0
Distância da cintura ao quadril	18,3	24,5	26,8	22,5
Distância da cintura ao joelho	50,5	62,0	64,8	57,5
Distância da cintura ao solo	90,5	103,0	105,8	98,0
Distância da cintura ao gancho	25,5	30,0	35,0	30,0
Comprimento do braço	48,5	56,5	58,8	53,5
Altura do cotovelo	31,5	35,0	38,8	35,0
Largura do ombro	10,5	13,0	15,8	13,0
Ombro a ombro (frente)	32,3	39,3	41,5	37,0
Ombro a ombro (costas)	34,3	41,3	44,5	39,5
Circunferência do pescoço	33,5	39,0	41,5	37,5

**Fonte:** Autoria própria, 2025.

A Tabela 4 apresenta os resultados antropométricos finais na forma de percentis (P5, P50 e P95), representando a distribuição das medidas para o público feminino petite. O Percentil 50 (P50), que define a mediana da amostra, é o valor central que reflete a medida média das dimensões coletadas, sendo estabelecido como o valor padrão ideal para o desenvolvimento de um protótipo de vestuário destinado à maioria da população feminina petite. No entanto, a análise do dimensionamento não se restringe à mediana.

O uso dos percentis P5 e P95 oferece a flexibilidade metodológica necessária para atender a 90% da população-alvo, contemplando os extremos dimensionais. Para a criação de modelos voltados a indivíduos com medidas corporais significativamente menores ou mais esguias (mulheres muito magras e de estatura

baixa), o Percentil 5 (P5) torna-se o parâmetro mais relevante, minimizando o excesso de folga. Por outro lado, ao projetar peças destinadas a indivíduos com dimensões mais amplas (mulheres gordas com estatura baixa), o Percentil 95 (P95) deve ser priorizado, garantindo que a peça seja adequadamente confortável e não restritiva.

Assim, a Tabela 5 possui um valor analítico multifacetado: ela não apenas descreve a amostra, mas também prescreve três abordagens distintas de dimensionamento (P5, P50 e P95) oferecendo subsídios importantes para a construção de moldes, permitindo que os modelistas escolham o percentil mais adequado ao objetivo e ao nicho de mercado específico dentro do segmento petite.

#### 8.4 TABELA DE MEDIDAS DE CIRCUNFERÊNCIAS

A metodologia empregada para a elaboração da grade de medidas de circunferências (Busto, cintura e quadril) baseou-se em uma análise comparativa das tabelas disponibilizadas por marcas comerciais previamente citadas, todas direcionadas ao público petite. Essa análise permitiu identificar e alinhar as proporções mais recorrentes no mercado, servindo de parâmetro para a definição das medidas que compõem a presente grade.

Diante disto, estabeleceu-se um ponto de ancoragem para a construção da grade, definido pelo Tamanho M, cuja cintura foi fixada na faixa de 76–80 cm, em consonância com as proporções mais frequentes nas referências analisadas.

A partir desse ponto central, a gradação foi desenvolvida de forma progressiva e didática, tanto para os tamanhos inferiores (P e PP) quanto para os superiores (G, GG, G1 e G2). Para o Busto e o Quadril adotou-se a gradação de 4 cm entre os tamanhos PP ao G, avançando para incrementos de 6 cm nos tamanhos superiores (GG, G1 e G2), de modo a contemplar adequadamente a ampliação das proporções corporais nesses segmentos. Em paralelo, a cintura foi graduada de maneira uniforme, com incremento de 6 cm em todos os tamanhos, garantindo proporcionalidade e melhor vestibilidade, sobretudo nos tamanhos maiores.

Por fim, a tabela foi organizada em faixas de tolerância ( $\pm 2$  cm), reconhecendo a diversidade morfológica do público petite e assegurando maior adaptabilidade no processo de confecção, sem comprometer o caimento ou a padronização das peças. A seguir, apresenta-se a tabela 5:

**Tabela 5** - Medidas de circunferência autoral (busto, cintura e quadril).

Tamanho	Numeração	Busto (cm)	Cintura (cm)	Quadril (cm)
PP	34	80-84	64-68	88-92
P	36	84-88	70-74	92-96
M	38	88-92	76-80	96-100
G	40	92-96	82-86	100-104
GG	42/44	98-102	88-92	106-110
G1	46	104-108	94-98	112-116
G2	48/50	110-114	100-104	118-122

**Fonte:** Autoria própria, 2025.

## 9 LEVANTAMENTO DE DADOS: APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO ONLINE

Com o objetivo de investigar os principais desafios enfrentados por mulheres de baixa estatura no consumo de moda, foi elaborado e aplicado um questionário online. O instrumento foi desenvolvido na plataforma Google Forms e direcionado exclusivamente a mulheres com até 1,65 metro de altura, garantindo que a amostra refletisse o público-alvo do estudo. O questionário continha perguntas fechadas e abertas sobre dificuldades na aquisição de roupas proporcionais, hábitos de consumo e preferências de estilo no vestuário. O formulário completo encontra-se disponível no Apêndice A.

Além de mapear essas percepções, a pesquisa teve um papel central na criação da coleção autoral. As respostas forneceram subsídios para a definição do mix de peças, estilos e características da coleção, permitindo que cada decisão de design fosse fundamentada nas necessidades reais do público petite. Por exemplo, a escolha do estilo da coleção e a preferência por peças lisas foram diretamente inspiradas nas respostas do questionário, garantindo que a coleção refletisse os desejos e expectativas do público-alvo.

### 9.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa configura-se como qualitativa e exploratória, uma vez que busca compreender as percepções, experiências e dificuldades vivenciadas por mulheres de baixa estatura no consumo de moda. A abordagem qualitativa possibilita a apreensão de elementos subjetivos, não quantificáveis, mas essenciais para a compreensão do comportamento de consumo e das lacunas existentes no mercado da moda.

### 9.2 JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA

A adoção de um formulário online como instrumento de coleta de dados justifica-se pela sua praticidade, acessibilidade e baixo custo, além de permitir ampliar a amostra geograficamente por meio da divulgação digital. Considerando a escassez de estudos sobre o público feminino de baixa estatura, a metodologia adotada

contribuiu para levantar percepções iniciais, mapear desafios e fornecer informações estratégicas para o desenvolvimento da coleção autoral.

### 9.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O formulário foi estruturado com questões fechadas e abertas, de modo a coletar tanto dados objetivos quanto relatos subjetivos. As perguntas abordaram aspectos como: dificuldades no ajuste de roupas, preferências estéticas, estilos mais apreciados e frequência de compra. O instrumento passou por uma etapa piloto com um pequeno grupo de mulheres para validar clareza e coerência das questões, sendo ajustado antes da divulgação definitiva.

### 9.4 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

A amostra foi composta por mulheres com até 1,65 metro de altura, critério adotado com base em classificações comuns de baixa estatura. O questionário permaneceu disponível por 15 dias e foi divulgado em redes sociais, grupos de interesse e por meio de contatos pessoais. Ao final do período, obteve-se um total de 80 respostas válidas, que serviram como base para análise e fundamentação da coleção.

### 9.5 RESULTADOS PRELIMINARES DA COLETA DE DADOS

Os dados indicam que 76% das participantes afirmaram enfrentar dificuldades ao comprar roupas, especialmente pela desproporcionalidade das peças em relação ao corpo. As principais peças problemáticas incluem calças, macacões, vestidos longos e roupas de estilo social. As reclamações mais recorrentes foram: comprimento excessivo de calças e vestidos, além de mangas longas desproporcionais ao corpo. Observam-se também calças que ficam largas na cintura e apertadas no quadril (ou o contrário), acompanhadas de diferenças inconsistentes entre os tamanhos, como PP muito apertado e P largo, ou P apertado e M largo. Outro problema recorrente são shorts mais longos do que o desejado e blazers com modelagens grandes, mesmo quando adquiridos em tamanhos pequenos. Soma-se a isso a estética infantilizada presente em algumas modelagens menores, bem como alças longas sem regulagem,

que dificultam o ajuste adequado ao corpo petite. Por fim, destaca-se a necessidade constante de realizar ajustes, como fazer barra ou ajustar a cintura, o que compromete o caimento original da peça.

Esses resultados evidenciam lacunas importantes na indústria da moda, especialmente no que se refere à representação e ao atendimento das demandas de mulheres de baixa estatura

Ademais, o questionário incluiu perguntas relacionadas à identificação das preferências estéticas e dos hábitos de consumo das participantes, com o objetivo de compreender suas percepções pessoais e comportamentos relacionados à moda.

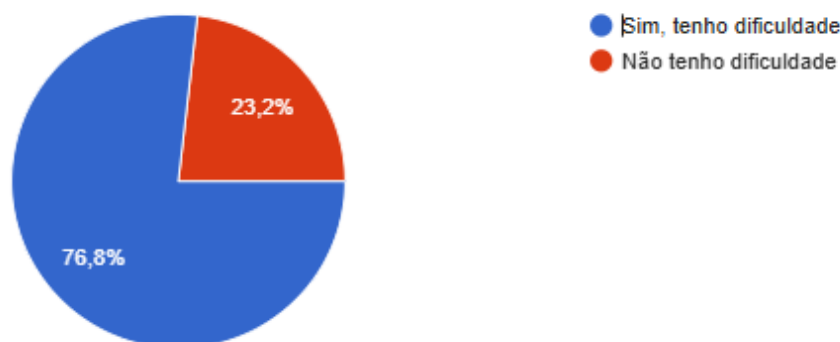
Dentre os estilos mais votados pelas respondentes, destacaram-se os seguintes: casual chique, romântico, básico, clássico, elegante e sexy. Observou-se ainda que 89% das participantes demonstraram preferência por peças lisas em detrimento das estampadas. Em relação à frequência de compra de roupas, a maioria das mulheres afirmou adquirir peças somente para ocasiões especiais, seguida da opção “uma vez por mês”, como a segunda resposta mais escolhida.

De modo geral, os dados obtidos nesta etapa mostraram-se relevantes para compreender o perfil de consumo e as preferências do público feminino petite, fornecendo insumos importantes para a análise deste trabalho quanto para a fundamentação da proposta de coleção apresentada nos capítulos seguintes.

## **10 ANÁLISE DAS PERGUNTAS PRINCIPAIS DO FORMULÁRIO**

Nesta subseção, serão analisadas as perguntas do formulário que forneceram os principais subsídios para a compreensão das necessidades, dificuldades e preferências do público feminino petite. Foram selecionadas as questões que apresentaram as informações mais relevantes para orientar o desenvolvimento da coleção autoral, assegurando que cada decisão de design estivesse fundamentada nas respostas das participantes. Para cada pergunta, apresenta-se o gráfico gerado pela plataforma, ou, nos casos de questões abertas, a síntese das respostas textuais e uma interpretação sucinta dos resultados, destacando os insights mais significativos para a criação da coleção. Dessa forma, inicia-se a apresentação dos resultados, começando pela pergunta “Você tem dificuldade para encontrar roupas que se adequem ao seu corpo?”. O Gráfico 2 sintetiza a percepção das participantes quanto à dificuldade de encontrar roupas adequadas ao próprio corpo.

**Gráfico 2** - Percentual de mulheres de baixa estatura que relatam dificuldades para encontrar roupas adequadas ao corpo



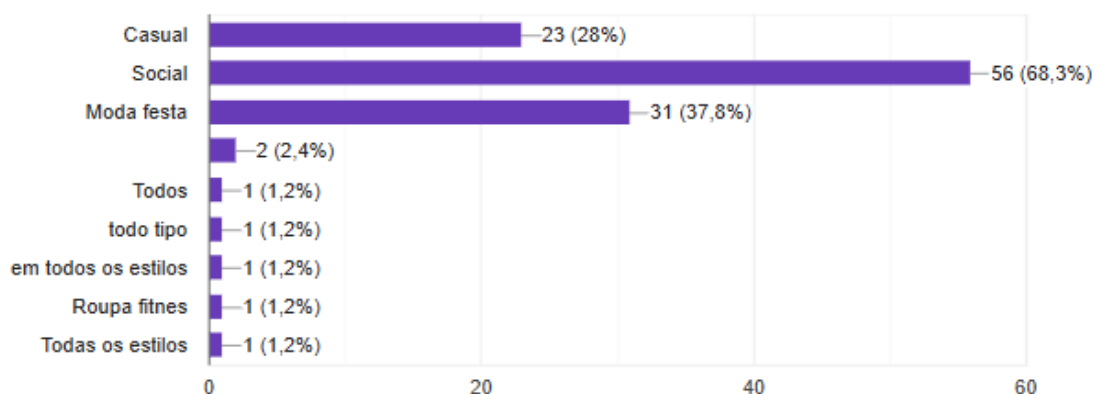
**Fonte:** Autoria própria (2025)

A grande maioria das participantes (76%) afirmou enfrentar dificuldades ao comprar roupas, principalmente devido à desproporcionalidade das peças em relação ao corpo. Esse resultado evidencia que mulheres de baixa estatura encontram barreiras significativas na moda, reforçando a necessidade de criar coleções que considerem proporções adequadas para esse público. Em seguida, analisa-se a pergunta: “ Em caso de dificuldade, quais suas maiores queixas em relação às roupas? (Ex.: calças muito longas que necessitam ajustar a barra, mangas compridas demais, etc. ...) ”

As participantes relataram como principais dificuldades o comprimento excessivo de calças e vestidos, mangas longas desproporcionais, calças largas na cintura e apertadas no quadril (ou vice-versa), diferenças inconsistentes entre tamanhos, a necessidade constante de ajustes como fazer barra e ajustar cintura e de ter que comprar na sessão infante juvenil, shorts muito longos, gancho excessivamente comprido e a sensação de que casacos e jaquetas ficam grandes demais, parecendo desalinhados. Posteriormente, como ilustrado no Gráfico 3, passa-se a análise da pergunta: “Qual estilo de roupa é mais difícil de encontrar de acordo com seu tamanho? “. As participantes indicaram que a moda social é o estilo mais difícil de encontrar em tamanhos proporcionais, seguida da moda festa e, em seguida, da moda casual. Esses resultados evidenciam que roupas mais estruturadas, como blazers, camisas e calças sociais, representam um desafio para mulheres de baixa

estatura, reforçando a importância de priorizar esses estilos na criação de coleções pensadas para o público

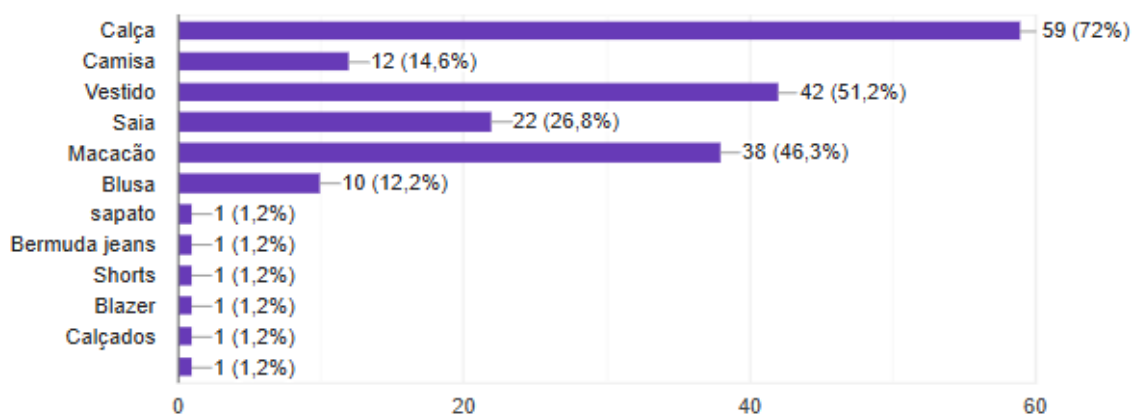
**Gráfico 3** - Estilos de roupas mais difíceis de encontrar em proporções adequadas ao corpo petite.



**Fonte:** Autoria própria (2025)

Já na pergunta “Quais peças são mais difíceis de encontrar de acordo com seu tamanho?” o Gráfico 4 destaca de acordo com as respostas das participantes, que as peças mais difíceis de encontrar em tamanhos proporcionais são, em ordem de maior votação, calças, vestidos, macacões, saias, camisas e blusas.

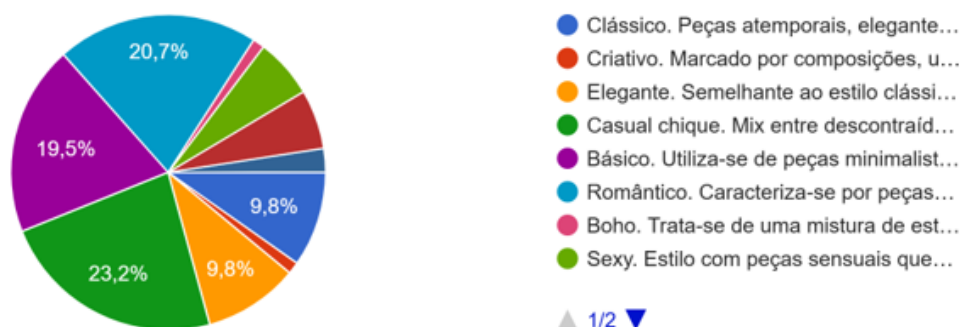
**Gráfico 4** - Peças mais difíceis de encontrar de acordo com as participantes



**Fonte:** Autoria própria (2025)

Outra pergunta relevante no formulário foi: “Qual estilo te representa mais?”

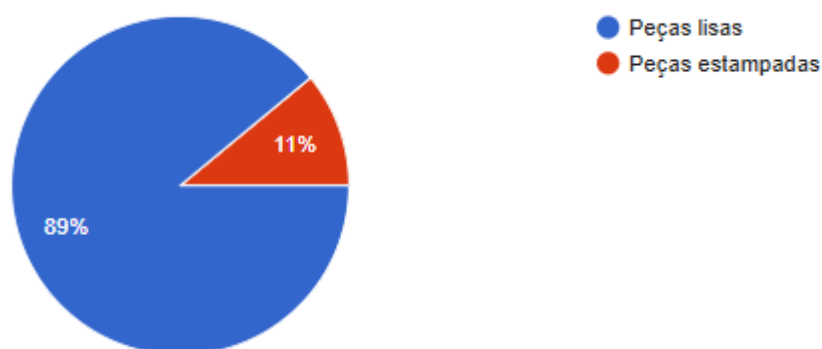
**Gráfico 5** - Estilo de vestuário que melhor representa as participantes



**Fonte:** Autoria própria (2025)

A qual as participantes, como demonstra o Gráfico 5, indicaram que os estilos que mais representam sua identidade são, principalmente, o casual chique, seguido pelo romântico, básico, clássico e elegante. Esses resultados forneceram subsídios importantes para a definição do estilo da coleção, permitindo que as peças refletissem a estética e a preferência do público petite, equilibrando elementos de moda casual, romântica e elegante de forma coerente com o perfil das participantes. Em continuidade, a pergunta “Você prefere peças lisas ou estampadas?”. O Gráfico 6 sintetiza as respostas relativas à escolha entre peças lisas e estampadas.

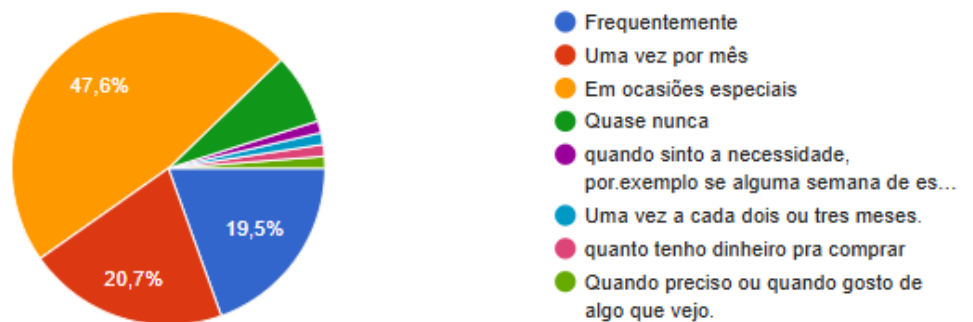
**Gráfico 6** - Preferência das participantes quanto ao uso de peças lisas ou estampadas



**Fonte:** Autoria própria (2025)

Obteve-se que a grande maioria das participantes (89%) indicou preferência por peças lisas em detrimento das estampadas. A próxima pergunta trouxe contribuições importantes para análise de hábitos de consumo deste grupo: “Com qual frequência você costuma comprar roupas novas?”. O Gráfico 7 sintetiza a frequência com que as participantes realizam compras de vestuário.

**Gráfico 7** - Frequência com que as participantes realizam compras de vestuário



**Fonte:** Autoria própria (2025)

As respostas indicaram que a maioria das participantes adquire roupas principalmente para ocasiões especiais, seguida das que compram uma vez por mês e das que compram com frequência. Esses dados constituem informações relevantes tanto para uma possível futura comercialização da coleção proposta adiante, quanto para o planejamento de uma possível marca voltada a esse segmento.

## 11 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE COLEÇÃO

A seção 11 apresenta os elementos que compõem o desenvolvimento da proposta de coleção, descritos nas subseções a seguir

### 11.1 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo desta coleção é composto por mulheres adultas de idades variadas com baixa estatura, especificamente aquelas que possuem até 1,65 metro de altura, faixa definida com base em classificações comuns utilizadas tanto na moda quanto na antropometria brasileira. Este grupo, muitas vezes negligenciado pela indústria do vestuário, enfrenta dificuldades recorrentes na hora de consumir moda, especialmente pela falta de peças que se ajustem adequadamente às proporções corporais. A Figura 39 reúne referências visuais que auxiliam na compreensão do perfil do público-alvo da coleção.

**Figura 39 - Moodboard do público alvo da coleção<sup>2</sup>**



**Fonte:** Autoria própria (2025).

<sup>2</sup> Montagem a partir de imagens coletadas na rede social Pinterest

## 11.2 CONCEITO DA COLEÇÃO

**Figura 40** - Composição visual representativa da coleção Urban Pearl.



**Fonte:** Autoria própria (2025).

A proposta desta coleção é costurar um diálogo poético entre o sóbrio e o romântico, mesclando a rigidez da paisagem urbana com a suavidade atemporal das pérolas — símbolo da feminilidade delicada que resiste e floresce na cidade. Inspirada pelas ruas e linhas retas da arquitetura, pelos tons acinzentados dos prédios e do asfalto, pela vida metropolitana, a coleção mergulha no contraste entre o concreto e o sensível, refletindo a mulher multifacetada que habita esse espaço dinâmico. A Figura 40 apresenta a composição visual que sintetiza o conceito da coleção Urban Pearl.

Guiada pelas preferências reveladas no questionário — com destaque para os estilos moderno, contemporâneo e romântico — a coleção foi pensada para mulheres petite nas faixas dos 20, 30, 40 e 50 anos, que vivem intensamente a cidade: trabalham, estudam, se divertem, consomem moda e estão conectadas às tendências por meio das redes sociais.

Mais do que vestir, a proposta busca solucionar um desafio recorrente para o público petite — encontrar roupas que se ajustem com elegância e conforto às suas proporções. Por isso, os modelos escolhidos priorizam cortes e comprimentos que

valorizam esse corpo com autenticidade e precisão, resgatando o prazer de se vestir bem.

### 11.3 PLANEJAMENTO DA COLEÇÃO

O desenvolvimento da coleção autoral foi orientado por princípios metodológicos do design, adaptados ao contexto da moda. Conforme Löbach (2001), o processo projetual compreende as fases de análise, concepção e concretização, etapas que nortearam a trajetória desta pesquisa desde a coleta de dados até a materialização das peças. Baxter (2000) reforça a importância de uma abordagem sistematizada, baseada em pesquisa, geração de alternativas e desenvolvimento de protótipos, garantindo que as soluções sejam coerentes com as necessidades identificadas. Nesse sentido, o presente trabalho incluiu a etapa de prototipagem, na qual foram confeccionados e avaliados alguns looks da coleção, a fim de verificar a adequação das modelagens às proporções do público *petite* e a correspondência das peças ao conceito proposto.

No campo criativo, Munari (2008) enfatiza o valor da experimentação como parte integrante do pensar projetual, permitindo a exploração estética e técnica durante o processo de criação. Complementarmente, Treptow (2013) propõe uma metodologia específica para o planejamento de coleção de moda, que abrange as etapas de pesquisa, conceituação, desenvolvimento e apresentação final — estrutura que serviu como referência principal para a construção desta coleção autoral.

O planejamento da coleção foi estruturado com base em uma pesquisa qualitativa realizada com mulheres de baixa estatura, buscando compreender suas necessidades, dificuldades e preferências no consumo de moda. Essas informações foram fundamentais para orientar as escolhas conceituais, estéticas e técnicas da coleção, garantindo que as peças propostas estejam alinhadas às demandas reais do público-alvo.

A inspiração central da coleção é a arquitetura urbana, especialmente os elementos estruturais das cidades como arranha-céus, fachadas, janelas, grades e faixas de pedestres. Essa referência foi escolhida por sua representatividade da modernidade, rigidez e dinamismo, características que dialogam com o estilo de vida contemporâneo das mulheres que compõem o público da coleção. A arquitetura também simboliza força e organização, conceitos que reforçam a proposta de oferecer roupas que valorizem a imagem feminina e proporcionem conforto e funcionalidade.

A Figura 41 sintetiza visualmente os principais direcionamentos conceituais da coleção.

**Figura 41** - Moodboard da coleção autoral<sup>3</sup>



**Fonte:** Autoria própria (2025).

Em termos de estilo, a coleção privilegia o casual chique, romântico, básico, clássico, elegante e sexy — estilos que foram destacados como preferidos pelas participantes da pesquisa. Esses estilos foram incorporados de forma harmoniosa, buscando atender à diversidade de gostos e ocasiões, especialmente considerando que a maioria das mulheres entrevistadas realizam compras para eventos especiais ou com frequência variável.

A paleta de cores adotada contempla tons neutros e sóbrios, como diferentes variações de cinza, inspirados nos materiais predominantes na paisagem urbana — concreto, asfalto e vidro. Para criar pontos de contraste e agregar dinamismo visual, a coleção inclui o uso do vinho, remetendo ao vermelho dos semáforos e detalhes urbanos avermelhados. Além disso, cores pastéis, como rosa claro e azul claro, foram inseridas para conferir delicadeza e feminilidade, evocando as pérolas coloridas e o céu da cidade.

<sup>3</sup> Montagem a partir de imagens coletadas na rede social Pinterest.

Quanto aos materiais e texturas, foram selecionados tecidos que expressam tanto a robustez quanto a suavidade presentes na inspiração arquitetônica. Tecidos com superfícies levemente texturizadas foram escolhidos para transmitir resistência e funcionalidade urbana e remeter às texturas do concreto e do asfalto. Tecidos acetinados e leves, como o poliéster liso do crepe Prada, trazem um contraponto delicado e perolado, aproximando-se da suavidade e brilho das pérolas e das vidraças azuis da cidade.

O planejamento contempla também a adequação das modelagens às proporções do público *petite*, priorizando cortes que valorizem as formas e promovam o ajuste adequado, reduzindo a necessidade de alterações pós-compra. A diversidade de peças inclui blusas, calças, vestidos, shorts e blazers, pensados para compor um guarda-roupa funcional e versátil, alinhado às ocasiões de uso mais frequentes identificadas na pesquisa.

Por fim, a coleção se propõe a dialogar com as tendências atuais do mercado, ao mesmo tempo em que oferece soluções específicas para um segmento ainda pouco atendido pela indústria da moda, reforçando a importância da inclusão e da diversidade corporal no desenvolvimento de produtos.

As nomeações dos looks foram pensadas para transmitir delicadeza, luz e poesia dentro do ambiente urbano. São palavras minimalistas com sonoridade francesa e etérea que evocam elementos da cidade — como luz, vento, caminhos e arquitetura suave — sem serem literais. Cada nome representa uma atmosfera da metrópole reinterpretada de forma romântica.

#### 11.4 ESTUDO DE FORMAS

O estudo de formas, como mostra a figura 42, teve como ponto de partida a observação do ambiente urbano das capitais, onde os elementos arquitetônicos e estruturais, como edifícios, escadarias, faixas de pedestre e semáforos, revelam uma composição visual marcada por linhas e ângulos retos. A partir dessa leitura, foram extraídas formas geométricas simplificadas que serviram de base para a construção das modelagens da coleção.

Essas linhas, quando reinterpretadas, traduzem o ritmo e a organização da cidade, ao mesmo tempo em que dialogam com a proposta estética da coleção, que busca equilibrar a rigidez das estruturas urbanas com a delicadeza e a fluidez da feminilidade. Dessa forma, o estudo de formas evidencia o processo de transposição

entre a paisagem concreta e o design de moda, transformando referências visuais do cotidiano urbano em expressões sutis aplicadas ao vestuário.

**Figura 42** - Estudo de formas da coleção autoral



**Fonte:** Autoria própria (2025).

## 11.5 PALETA DE CORES

**Figura 43** - Paleta de cores da coleção autoral



**Fonte:** autoria própria (2025).

A paleta de cores da coleção, como pode ser observado na figura 43, foi definida a partir de um estudo sobre a paisagem urbana. Observou-se que as tonalidades predominantes no ambiente citadino são o cinza e o vermelho, que aparecem de maneira recorrente nos edifícios, asfaltos, sinalizações e demais elementos do espaço urbano. A partir dessa análise, a coleção extraiu o cinza como representação dos concretos, dos asfaltos e das construções, simbolizando a estrutura rígida e a atmosfera urbana. Já o vinho foi incorporado como um ponto de contraste e adaptação do vermelho, cor fortemente presente na cidade — visível nos semáforos, nas placas de trânsito e nas faixas de pedestre. Essa tonalidade mais sofisticada do vermelho foi escolhida para traduzir a energia e o dinamismo do cenário urbano, mas de forma mais refinada e harmônica.

Em contrapartida, as cores rosa claro e azul claro foram selecionadas para representar o segundo pilar conceitual da coleção: a feminilidade. O rosa, em sua tonalidade acetinada e suave, faz referência direta às pérolas — não apenas como elemento simbólico, mas também visual, visto que muitas pérolas apresentam nuances rosadas além do branco. Essa cor foi escolhida por expressar suavidade, delicadeza e calma, equilibrando o contraste com o cinza e o vinho. O azul claro, por sua vez, foi inspirado tanto nos céus da cidade quanto nos reflexos azulados dos arranha-céus espelhados, remetendo à serenidade e à neutralidade. Ele complementa o rosa na construção de uma atmosfera leve e tranquila, representando o lado mais sensível e introspectivo da coleção.

Dessa forma, a paleta de cores traduz o conceito central da coleção Urban. Pearl: o contraste entre a rigidez e o movimento da cidade e a presença suave e feminina da mulher no ambiente urbano.

## 11.6 PESQUISA DE TENDÊNCIAS

Como parte do processo de criação, foi realizada uma pesquisa de tendências com o objetivo de identificar comportamentos estéticos e direcionamentos contemporâneos que pudessem dialogar com o conceito da coleção. Essa etapa, conforme Treptow (2013), é essencial no planejamento de coleção, pois permite interpretar as tendências de mercado de modo autoral e coerente com a proposta criativa.

Embora alguns elementos já estivessem previamente definidos — como as linhas retas, a paleta de cores composta por tons de cinza, vinho, rosa claro e azul claro, e a inspiração na arquitetura urbana —, a pesquisa de tendências foi fundamental para refinar e validar decisões projetuais durante o desenvolvimento dos designs.

O estudo foi realizado de forma qualitativa e observacional, com base em referências coletadas em plataformas digitais de inspiração, como o Pinterest, e em redes sociais, que refletem de maneira dinâmica o comportamento de consumo e estilo das usuárias. Além dessas fontes informais, observações cotidianas e análises de vitrines e produções de moda contemporâneas também contribuíram para a compreensão das tendências mais recentes.

Entre os principais apontamentos identificados, destaca-se a popularização das modelagens amplas, especialmente as calças wide leg, que se consolidaram como uma das principais preferências do público atual, substituindo gradativamente as calças mais justas, como as skinny. Outra tendência observada foi o retorno dos coletes, o uso de babados e detalhes estruturados, elementos que aparecem reinterpretados em algumas das propostas da coleção.

No campo cromático, um dos movimentos mais relevantes identificados foi a combinação das cores cherry red (vermelho cereja) e cinza, que ganhou destaque em 2024 tanto em marcas de vestuário quanto de calçados. Essa associação reforçou a pertinência da paleta previamente definida para a coleção, que já incluía o vinho e o cinza como cores principais. Assim, a pesquisa de tendências serviu como suporte e confirmação estética, fortalecendo as decisões cromáticas e conceituais adotadas.

De modo geral, a pesquisa de tendências contribuiu para atualizar e contextualizar a coleção dentro do cenário contemporâneo, permitindo que o projeto autoral mantivesse originalidade, mas também afinidade com o mercado atual e com o comportamento de consumo das mulheres de baixa estatura.

## 11.7 SILHUETAS UTILIZADAS

**Figura 44** - Silhuetas trabalhadas na coleção



**Fonte:** autoria própria, 2025.

A figura 44 apresenta as principais silhuetas que orientaram o desenvolvimento da coleção Urban Pearl. Observa-se a presença de cinco linhas distintas: X, A, Reta, Trapézio e Campesina.

A linha X destaca-se pela cintura marcada e pelo equilíbrio entre volume superior e inferior, representando a feminilidade e a estrutura que compõem o conceito da coleção. A linha A surge como símbolo de leveza e fluidez, com ampliação gradual a partir da cintura. Já a linha Reta traduz a estética urbana e contemporânea por meio de cortes verticais e proporções alongadas. A linha Trapézio, por sua vez, apresenta maior volume na parte superior, evocando conforto e descontração sem perder a elegância. Por fim, a linha Campesina traz referências românticas, com saias amplas e cintura ajustada, reforçando a delicadeza e a feminilidade que permeiam toda a coleção.

Essas diferentes silhuetas foram selecionadas de forma a equilibrar o contraste entre o rigor urbano e a suavidade perolada que definem a essência da coleção Urban Pearl.

## 11.8 ESTUDO DOS PRINCÍPIOS DE PROPORÇÃO E ILUSÃO ÓPTICA NA MODELAGEM PARA MULHERES BAIXAS

O desenvolvimento da coleção foi sustentado também por um estudo aprofundado dos elementos visuais e construtivos que influenciam a percepção da silhueta em mulheres de baixa estatura. Essa investigação teórica teve como objetivo compreender princípios de design, proporção e modelagem que orientassem decisões estéticas e técnicas ao longo do processo criativo, garantindo que as peças projetadas valorizassem o corpo *petite* de forma equilibrada e harmônica. Dessa forma, as considerações apresentadas a seguir sintetizam os principais fundamentos extraídos desses estudos e sua aplicação no planejamento da coleção autoral.

A construção do vestuário voltado para mulheres de baixa estatura envolve mais do que a simples redução de medidas em relação ao padrão convencional. Segundo Aldrich (2011), a modelagem deve considerar não apenas medidas, mas as relações proporcionais entre corpo e vestimenta, pois a proporção é um dos pilares de equilíbrio visual no design.

Assim, a modelagem *petite* exige estratégias visuais capazes de equilibrar a silhueta, valorizando o corpo por meio de linhas, volumes, cores e comprimentos que favoreçam a continuidade e harmonia.

A proporção é entendida como a relação entre as partes de um todo, e constitui um dos fundamentos essenciais do design. Dondis (2015) afirma que “a proporção estabelece ordem e coerência visual”, funcionando como um princípio central da linguagem visual.

No vestuário *petite*, esses princípios precisam ser reinterpretados, já que detalhes pensados para corpos longilíneos podem gerar desarmonia quando aplicados em corpos menores. A escala dos elementos — bolsos, comprimentos, largura de barras, lapelas — deve, portanto, ser cuidadosamente ajustada.

As linhas são elementos estruturais na comunicação visual de uma peça. Para Wong (2010), as linhas direcionam o olhar e organizam o espaço visual, criando sensação de movimento e conduzindo a percepção de forma. No contexto da modelagem *petite*, linhas verticais como pences, recortes frontais ou abotoamentos criam trajeto visual ascendente, enquanto linhas horizontais tendem a fragmentar a silhueta. Já as linhas diagonais e enviesadas, como aponta Lua (2014), contribuem para fluidez e continuidade visual, suavizando transições.

O posicionamento das linhas de corte e o comprimento das peças interferem diretamente na leitura da silhueta. Bray (2003) explica que pequenas alterações no posicionamento da cintura, do quadril ou das barras influenciam a proporção visual e o equilíbrio da peça no corpo. Para mulheres pequenas, comprimentos excessivamente longos podem reduzir a sensação de altura, enquanto comprimentos ajustados — blazers até o quadril, saias acima do joelho ou na altura ideal — reforçam o equilíbrio das proporções.

Os volumes e materiais empregados no vestuário influenciam diretamente a percepção do corpo. De acordo com Treptow (2013), tecidos muito estruturados geram volume adicional e podem modificar a leitura da silhueta. Para mulheres pequenas, volumes excessivos tendem a diminuir visualmente a estatura, enquanto tecidos de caimento leve favorecem fluidez e proporção. Quanto às padronagens, Wheeler (2012) afirma que a escala da estampa deve manter relação direta com a escala do corpo; por isso, padronagens grandes tendem a desproporcionar, enquanto estampas pequenas mantêm harmonia.

Por outro lado, a cor é um dos elementos mais potentes da linguagem visual. Dondis (2015) ressalta que cores claras avançam visualmente, enquanto cores escuras recuam, criando efeitos de profundidade e variação perceptiva. No vestuário pequeno, o uso de monocromia favorece continuidade visual e alongamento da silhueta.

## 12 RESULTADOS FINAIS

Esta seção apresenta a coleção Urban. Pearl (Figura 45), resultado da pesquisa teórica e prática desenvolvida ao longo deste trabalho. A proposta surge da intenção de traduzir, por meio do vestuário, a delicadeza e a força da mulher contemporânea, integrando os princípios de ergonomia, antropometria e estética abordados nos capítulos anteriores.

A coleção Urban Pearl também representa o ponto de partida para o desenvolvimento de uma futura marca autoral, voltada exclusivamente ao público petite. Essa proposta surge da observação das lacunas existentes no mercado de moda nacional no que diz respeito à oferta de roupas adequadas às proporções de mulheres de baixa estatura. Assim, a coleção não se limita a um exercício acadêmico, mas constitui o embrião de um projeto de marca que busca unir design, ergonomia e representatividade, valorizando a identidade e as particularidades desse grupo.

A marca pretende consolidar-se como um espaço de expressão para mulheres que, historicamente, não encontram nas modelagens convencionais um encaixe proporcional e esteticamente satisfatório. Por meio de peças que aliam conforto, caimento e estética contemporânea, o propósito é promover uma moda que abrace diferentes corpos e reforce a ideia de que o vestuário deve se adaptar ao corpo, e não o contrário.

Figura 45 - Coleção Urban Pearl



Fonte: autoria própria (2025).

**Figura 46 - Look Avelle**

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O primeiro look da coleção (Figura 46) se chama Avelle e representa o contexto profissional e urbano, sendo destinado ao ambiente de trabalho — ocasião que exige elegância, formalidade e sofisticação. É composto por blazer acinturado e calça de modelagem reta, ambos confeccionados em crepe Prada na cor vinho. A escolha da modelagem estruturada do blazer com linhas retas e recorte ajustado à cintura visa oferecer uma silhueta proporcional ao corpo da mulher petite, garantindo caimento adequado sem o excesso de tecido comum em blazers convencionais. Uma das principais dificuldades relatadas por mulheres de baixa estatura está relacionada à compra de blazers e calças sociais, que frequentemente apresentam comprimentos

de manga e corpo alongados, resultando em um visual desproporcional. Além disso, muitas mulheres acabam recorrendo a tamanhos PP para ajustar o comprimento, mas enfrentam limitações na largura das medidas horizontais, tornando a peça apertada e desconfortável.

Dessa forma, o look foi desenvolvido com proporções reduzidas e ajustadas à tabela de medidas autoral da marca, assegurando harmonia entre as dimensões verticais e horizontais do corpo petite. A calça reta foi projetada com comprimento adequado, evitando a necessidade de ajustes de barra, outro ponto recorrente nas roupas sociais disponíveis no mercado.

A escolha da cor vinho reforça a autoridade e sofisticação da proposta, mantendo a formalidade exigida no ambiente corporativo. Por ser uma tonalidade fechada e monocromática, contribui também para o efeito visual de alongamento da silhueta, favorecendo a estética das mulheres de baixa estatura.

**Figura 47 - Look Céline**

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O segundo look (Figura 47), da coleção se chama Céline e representa uma proposta de traje profissional mais descontraído, voltado para o cotidiano de trabalho em ambientes urbanos que permitem maior liberdade de vestimenta. Trata-se de um look “Smart Office”, conceito que traduz elegância aliada ao conforto e à leveza, sem perder a formalidade exigida no contexto corporativo.

A composição é formada por um colete estruturado em crepe prada rosa claro e uma calça wide leg em crepe prada fosco cinza. O colete apresenta modelagem transpassada com amarração na cintura, e a faixa confere uma silhueta mais acinturada e um equilíbrio visual. O comprimento da peça foi definido com base nas

proporções fornecidas pela tabela de medidas autoral, de modo que, mesmo com o leve efeito alongado, o colete não reproduz o erro comum dos modelos disponíveis no mercado, que por serem excessivamente longos acabam achatando a silhueta das mulheres de baixa estatura. Neste caso, a peça foi projetada respeitando as proporções do corpo petite, garantindo equilíbrio e harmonia visual.

A faixa de amarração é finalizada com enfeites de pérolas, elemento que reforça o conceito simbólico da coleção Urban. Pearl, associando a feminilidade e delicadeza das pérolas à força e estrutura da vida urbana.

A calça apresenta modelagem reta e ampla, oferecendo conforto e liberdade de movimento. Confeccionada com o lado fosco do crepe prada, sua textura levemente granulada e a cor cinza evocam a superfície do asfalto e do concreto, elementos visuais centrais no tema urbano da coleção. O comprimento foi ajustado para eliminar a necessidade de barra, adequando-se às proporções das mulheres de baixa estatura. Além disso, o modelo possui botões com acabamento em pérola e dourado, que acrescentam sofisticação e coerência conceitual com os demais elementos da coleção.

A combinação cromática entre o rosa claro e o cinza traduz a essência da proposta: o contraste entre o feminino e o urbano, o delicado e o estrutural, expressando a contemporaneidade da mulher petite que busca elegância, funcionalidade e identidade em seu vestuário diário.

**Figura 48-** Look Maelle

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O terceiro look da coleção se chama Maelle (Figura 48) e representa o tema passeio, sendo pensado para momentos casuais e descontraídos, porém mantendo a elegância e o equilíbrio visual característicos da coleção. A proposta busca traduzir a ideia de praticidade e estilo para o dia a dia da mulher petite em contextos urbanos mais leves.

A composição é formada por uma blusa sem mangas com amarração no pescoço, que remete à estética de um lenço, e uma saia mídi plissada. A modelagem da blusa é simples e versátil, idealizada como uma peça essencial no guarda-roupa feminino, podendo ser facilmente combinada com outras roupas da coleção. O tecido

proposto para a confecção apresenta leve estrutura e fluidez, mantendo o caimento adequado e o conforto térmico para o uso cotidiano.

A saia mídi, prevista em tecido de alfaiataria leve na cor azul clara, possui pala estruturada e pregas verticais, estabelecendo um diálogo direto com as linhas retas e geométricas presentes no conceito “Urban. Pearl”. O comprimento da peça foi cuidadosamente planejado de acordo com as proporções da tabela de medidas autoral, resultando em uma mídi real, que se mantém na altura do tornozelo sem ultrapassá-lo — um dos principais ajustes necessários para mulheres de baixa estatura, já que o comprimento mídi tradicional tende a se tornar longo nesse público.

O cinto com fivela e passante, presente também em outros looks da coleção, reforça a identidade visual da marca e contribui para a valorização da cintura, garantindo melhor definição da silhueta. A combinação cromática entre o vinho intenso e o azul claro expressa novamente a dualidade central da coleção: o contraste entre o feminino e o urbano, o delicado e o estrutural. Essas cores opostas se complementam visualmente, resultando em um look harmonioso e sofisticado, adequado tanto para o passeio diurno quanto para encontros sociais informais.

**Figura 49** - Look Élise

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O quarto look da coleção se chama Élise (Figura 49) e foi desenvolvido para ocasiões sociais e eventos elegantes, em que a mulher busca um visual sofisticado, porém funcional e confortável. Trata-se de uma proposta versátil, adequada tanto para um aniversário, coquetel ou jantar mais refinado, quanto para encontros em ambientes urbanos que exigem maior formalidade no vestir.

A peça é um macacão longo sem mangas, confeccionado em crepe prada cinza lado fosco texturizado (remetendo novamente a ideia de concreto) com cinto em vinho, estabelecendo uma combinação harmônica e contemporânea. O design foi pensado

para atender às especificidades corporais da mulher petite, já que o macacão é uma das peças mais problemáticas para esse público: os modelos convencionais costumam apresentar gancho muito baixo e corpo alongado, o que compromete a proporção e achata a silhueta.

Neste modelo, a modelagem do corpinho foi ajustada e equilibrada ao comprimento da perna, respeitando as proporções da tabela de medidas autoral. A parte superior é levemente estruturada e próxima ao corpo, enquanto a calça apresenta modelagem ampla e reta, resultando em um efeito visual que alonga e valoriza a silhueta. O comprimento da barra foi dimensionado especificamente para a estatura petite, evitando o excesso de tecido característico das peças do vestuário tradicional.

O fechamento frontal é composto por botões presos por presilhas de tecido, que cumprem função predominantemente estética, mantendo o visual sofisticado. O fechamento funcional é realizado por um zíper posterior, o que facilita o vestir sem comprometer o design da frente. O cinto em vinho com fivela quadrada metálica destaca a cintura e dialoga com o conceito das linhas retas e geométricas, elementos recorrentes do tema Urban. Pearl. A escolha da cor contrastante não apenas cria um ponto de interesse visual, mas também remete à combinação entre o cinza e o tom “cherry red”, tendência marcante da última temporada 2025.

O decote rente ao pescoço, com abertura frontal discreta, adiciona charme e elegância, tornando a peça adequada para diferentes tipos de eventos. Assim, o look une sofisticação, conforto e ajuste ergonômico, expressando o equilíbrio entre o formal e o contemporâneo, entre o urbano e o feminino.

**Figura 50** - Look Loré

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O quinto look da coleção se chama Loré (Figura 50) e apresenta uma proposta voltada para passeios informais ou saídas noturnas, em situações nas quais a mulher busca um visual delicado, romântico e confortável, mantendo ainda a elegância característica da coleção. É uma opção ideal para ocasiões como encontros, confraternizações ou passeios em ambientes urbanos mais descontraídos.

A peça é um vestido curto com mangas levemente bufantes e punhos marcados. O design apresenta decote em V, que valoriza o colo e contribui para o alongamento visual do tronco, equilibrando as proporções do corpo petite. O

comprimento da peça foi planejado conforme as proporções da tabela de medidas autoral, garantindo que o vestido mantenha a proposta curta — acima do joelho — sem comprometer o equilíbrio da silhueta.

Os botões em pérola que acompanham o decote reforçam o conceito da coleção Urban Pearl, remetendo à feminilidade e à delicadeza. O cinto com fivela quadrada, também presente em outros looks da coleção, tem a função de acentuar a cintura, valorizando o formato ampulheta e reforçando a estética inspirada na cintura marcada do estilo New Look.

A saia evasê com babado assimétrico acrescenta movimento e leveza, traduzindo o caráter romântico e contemporâneo da proposta. As mangas bufantes em volume moderado equilibram as proporções visuais, mantendo harmonia com o corpo de baixa estatura.

A combinação entre o rosa claro e o vinho traduz novamente a dualidade da coleção: o contraste entre o feminino e o urbano, o delicado e o estruturado. Os detalhes em vinho — aplicados na gola, punhos, barra e cinto — criam uma composição cromática elegante e coerente com a identidade visual da coleção.

Assim, o look expressa a essência da mulher Urban Pearl: feminina, confiante e equilibrada, que encontra na moda petite uma forma de se sentir representada e valorizada em suas proporções

**Figura 51** - Look Órine

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O sexto look da coleção se chama Órine (Figura 51) e apresenta uma proposta mais glamourosa e sofisticada, ideal para aquelas ocasiões em que a mulher deseja ousar com elegância. É um conjunto pensado para eventos sociais leves, encontros noturnos ou momentos especiais que pedem um visual mais elaborado, sem perder o conforto e a harmonia das proporções petite.

O conjunto é confeccionado em crepe prada, utilizando o lado acetinado do tecido, o que confere um brilho sutil e sofisticado, reforçando o caráter refinado da

proposta. As alças de pérolas foram aplicadas em substituição às tradicionais de tecido, dialogando com o tema central da coleção, em que a pérola representa delicadeza, feminilidade e elegância.

A modelagem segue linhas retas e limpas, transmitindo modernidade e equilíbrio visual. O top possui estrutura ajustada ao corpo e abertura em peplum, criando leve volume na cintura e destacando essa região de forma equilibrada. A altura do top peplum foi definida com base nas proporções da tabela de medidas autoral, garantindo o comprimento ideal para o tronco da mulher de baixa estatura e evitando o efeito de encurtamento da silhueta.

A calça apresenta modelagem levemente flare, sem excesso de tecido, proporcionando caimento elegante e alongando visualmente as pernas. Tanto o gancho quanto os bolsos laterais foram posicionados de forma precisa, respeitando as proporções da mulher petite — o que elimina os problemas de sobra de tecido e bolsos muito baixos, comuns em peças do vestuário convencional.

O cinto fino, confeccionado no mesmo tecido do conjunto, acompanha a proposta dos demais looks da coleção, marcando a cintura e reforçando a identidade visual da marca. O tom rosa claro monocromático contribui para o efeito óptico de alongamento da silhueta, além de transmitir uma imagem de delicadeza e sofisticação.

Assim, o look combina harmonia de proporções e elegância contemporânea, traduzindo o conceito da coleção Urban Pearl.

**Figura 52 – Soline**

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O sétimo look da coleção se chama Soline (Figura 52) e apresenta uma proposta mais casual e descontraída, pensada para momentos de lazer, como finais de semana, passeios ao ar livre ou voltas pela cidade. A ideia é oferecer à mulher petite uma opção leve, confortável e esteticamente coerente com os demais looks da coleção Urban Pearl, mantendo o equilíbrio entre elegância e praticidade.

O conjunto é composto por uma blusa reinterpretada a partir da camisa social, que ganha nova leitura ao incorporar uma modelagem transpassada com amarração lateral. A peça possui gola tradicional, mas o recorte cruzado e a amarração conferem

um visual mais contemporâneo e leve, diminuindo a formalidade característica da camisa clássica. Esse detalhe também estabelece um diálogo com o colete transpassado apresentado em outro look da coleção, reforçando a coesão visual entre as peças.

O decote em V valoriza o colo e proporciona alongamento visual do tronco, beneficiando as proporções das mulheres de baixa estatura. As mangas longas e levemente bufantes retomam o elemento presente no vestido de mangas bufantes da coleção, criando continuidade estética e harmonia entre os looks. O comprimento das mangas e do corpo da blusa foi definido conforme as proporções da tabela de medidas autoral, garantindo que não haja excesso de tecido — uma das principais dificuldades observadas nas modelagens tradicionais, que geralmente resultam em camisas alongadas e desproporcionais para o público petite.

O look é complementado por um short em modelagem A e em tom rosa claro, que cria um contraste suave e harmônico com o azul da blusa. A peça apresenta amarração posterior e bolsos laterais, posicionados de acordo com as proporções corporais da mulher de baixa estatura. A escolha desse item surgiu a partir das principais queixas observadas nas respostas do questionário aplicado ao público petite, que apontou a dificuldade de encontrar shorts adequados — os modelos convencionais costumam ter o gancho muito baixo e comprimento alongado, tornando-se semelhantes a bermudas, o que prejudica a proporção da silhueta.

Dessa forma, o conjunto busca unir leveza, conforto e casualidade, traduzindo um estilo urbano e feminino que conversa com os demais looks da coleção.

**Figura 53-** Look Inorie

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O oitavo look da coleção se chama Inorie (Figura 53) e apresenta uma proposta romântica e sofisticada, ideal para encontros e ocasiões especiais em que a mulher busca um visual elegante, com leve toque de sensualidade. A peça foi desenvolvida para expressar a versatilidade da mulher petite — que pode transitar entre o urbano e o delicado sem abrir mão do conforto e da proporção adequada ao seu corpo.

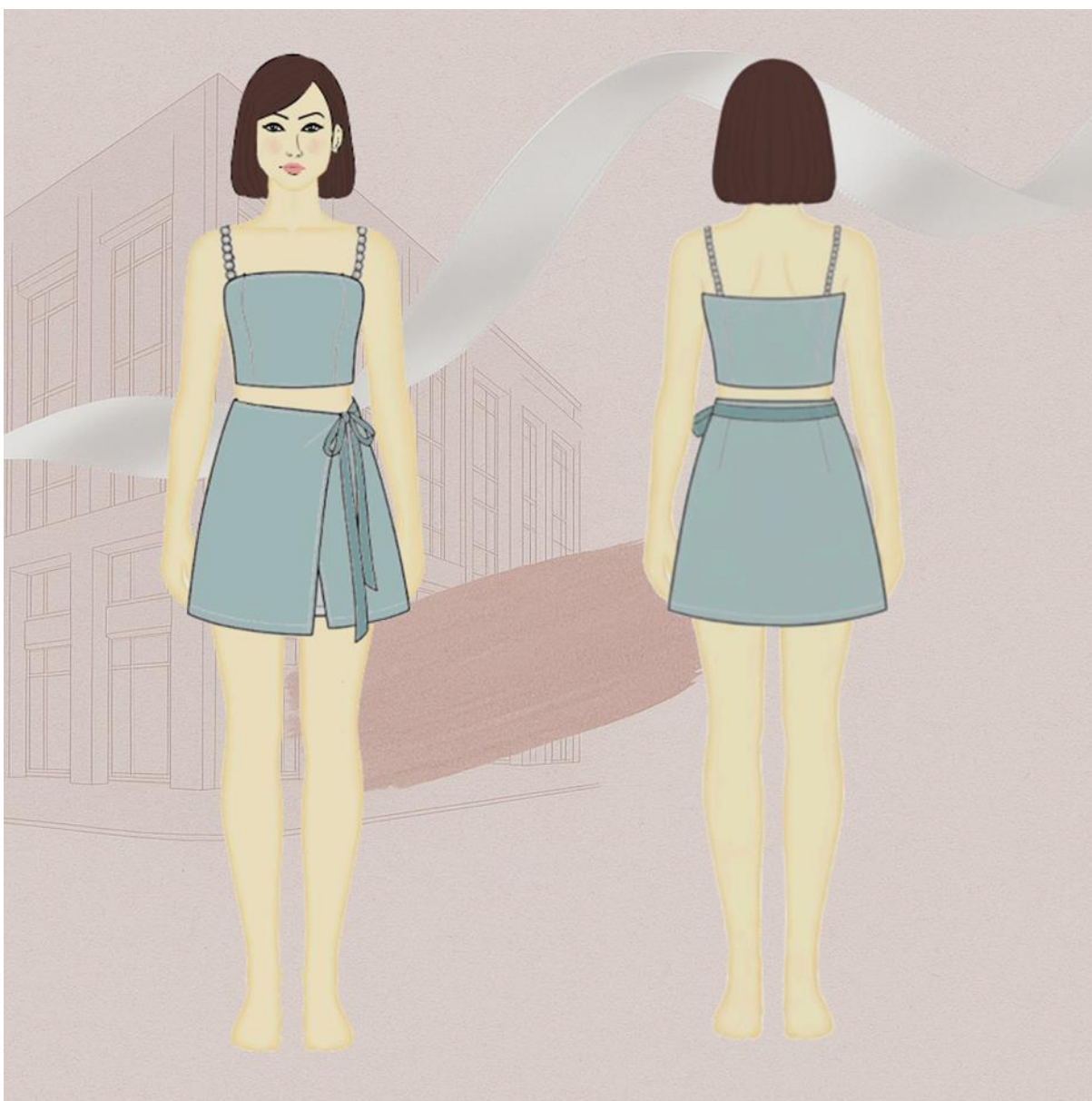
O modelo é um vestido mídi assimétrico confeccionado em tecido leve na cor cinza, cuja tonalidade reforça a sobriedade e a sofisticação da proposta. O design apresenta gola halter com amarração no pescoço, estabelecendo uma relação direta com outras peças da coleção que também exploram esse detalhe — como a blusa

vinho sem mangas com laço no pescoço. O formato da gola valoriza o colo e alonga a silhueta, equilibrando as proporções típicas da mulher de baixa estatura.

A região da cintura é marcada por uma pala estruturada, que reforça a identidade visual da coleção e contribui para o desenho da silhueta ampulheta. A saia em modelagem A se abre de forma fluida e apresenta comprimento assimétrico, sendo mais curto na parte frontal e levemente mais longo atrás. Esse corte favorece o movimento e cria um efeito visual que alonga o corpo, além de representar uma das características principais da coleção: a busca pelo equilíbrio entre linhas retas e fluidez.

O tecido leve, aliado à estrutura da modelagem, confere ao look um caimento solto e sofisticado. Apesar da base reta, o vestido possui movimento e leve transparência, o que traz uma estética sensual na medida certa, mantendo o caráter refinado da coleção. O comprimento foi definido com base nas proporções da tabela de medidas autoral, garantindo ajuste adequado às mulheres de baixa estatura, sem necessidade de barras adicionais.

Dessa forma, o look sintetiza o conceito da Urban Pearl: um equilíbrio entre o sofisticado e o delicado, o estrutural e o fluido, resultando em uma peça que traduz com naturalidade a feminilidade e a elegância contemporânea da mulher petite.

**Figura 54-** Look Alvéé

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O nono look da coleção se chama Alvéé (Figura 54) e apresenta uma proposta jovial, leve e descontraída, ideal para momentos diurnos ou encontros informais, nos quais a mulher busca um visual moderno, delicado e confortável. O conjunto mantém a coerência estética da coleção Urban Pearl, unindo feminilidade e funcionalidade através de seus elementos característicos, como as linhas retas, as amarrações e o uso da pérola.

A composição é formada por um top cropped estruturado e um short-saia transpassado, ambos no tom azul— tonalidade suave que remete à leveza e

serenidade, contrastando com o ritmo urbano da coleção. O top cropped apresenta modelagem reta e alças de pérolas, detalhe que também aparece em outro look (Orine) da coleção, reforçando a identidade visual e o simbolismo da pérola como elemento de delicadeza e sofisticação.

A escolha do comprimento cropped foi pensada especificamente para o corpo da mulher de baixa estatura, considerando uma das queixas mais recorrentes identificadas no formulário aplicado ao público petite: a dificuldade de encontrar tops cropped que fiquem na altura correta, acima do umbigo. Nas modelagens convencionais, essas peças costumam ter comprimento excessivo, perdendo o propósito e prejudicando o equilíbrio visual. Nesta coleção, o top foi ajustado conforme as proporções da tabela de medidas autoral, garantindo caimento ideal e proporcionalidade.

O short-saia transpassado reforça a proposta de versatilidade da coleção, que busca oferecer peças capazes de acompanhar a mulher em diferentes ocasiões. O modelo apresenta amarração lateral, elemento recorrente na coleção, e modelagem em A, que valoriza a cintura e o quadril de forma equilibrada. Além de funcional, a peça reforça o conceito de guarda-roupa inteligente, composto por variações de tipologias — calça, short, short-saia e saia mídi — que permitem à mulher petite criar diferentes combinações a partir de poucas peças.

O conjunto, em tom monocromático azul, contribui para o efeito óptico de alongamento da silhueta, mantendo a delicadeza e o toque contemporâneo. A combinação entre os detalhes perolados e a amarração lateral confere um aspecto jovial e feminino, sem perder a coerência com o conceito central da Urban Pearl.

**Figura 55-** Look Melise

**Fonte:** Autoria própria (2025).

O décimo look da coleção se chama Melise (Figura 55) e apresenta uma proposta versátil e estilosa, podendo ser utilizado tanto em ocasiões diurnas quanto noturnas. A peça traduz a essência da coleção Urban Pearl, equilibrando delicadeza e presença por meio de uma modelagem fluida e contemporânea.

O modelo é um vestido longo de alça halter, elemento que remete a outros looks da coleção e reforça a identidade visual construída em torno do símbolo de feminilidade e sofisticação. O corpinho justo com linhas retas valoriza a silhueta e cria

contraste com a saia ampla composta por várias camadas com leves babados, que conferem movimento e elegância à peça.

Trata-se de um modelo bicolor, combinando o vinho intenso com o azul, duas cores presentes na paleta principal da coleção. A mistura entre uma tonalidade mais suave e outra mais marcante reforça a proposta de dualidade entre o urbano e o delicado, característica central da coleção.

Além disso, o vestido foi desenvolvido respeitando as proporções da mulher petite, com comprimento ideal para evitar ajustes de barra — uma das principais dificuldades apontadas pelas mulheres de baixa estatura em relação aos vestidos longos disponíveis no mercado. O resultado é uma peça equilibrada, de caimento elegante, que mantém o comprimento exato e proporcional ao corpo petite.

Assim, o look encerra a coleção de forma harmônica, unindo sofisticação, conforto e proporção, e reafirmando o propósito da Urban Pearl de oferecer à mulher de baixa estatura roupas que traduzem beleza, identidade e confiança.

## **13 PROTÓTIPOS DA COLEÇÃO URBAN PEARL**

A seção 13 apresenta o processo de prototipagem dos looks da coleção, evidenciando os materiais utilizados, os testes de modelagem e o resultado final de cada um.

### **13.1 INTRODUÇÃO AOS PROTÓTIPOS**

Nesta etapa, os protótipos da coleção foram confeccionados como forma de testar modelagens, proporções e materiais, permitindo avaliar o caimento das peças em corpos de referência e identificar ajustes necessários antes da produção final. Os protótipos também possibilitaram validar escolhas estéticas, proporções e combinação de tecidos e aviamentos.

### **13.2 LOOK ÉLISE**

O macacão cinza (Figura 56) foi confeccionado em crepe prada, utilizando o lado fosco do tecido devido aos elementos visuais adicionais, como botões de pérolas e cinto vinho, e também por sua textura levemente texturizada, que remete à estética urbana da coleção. O protótipo foi terceirizado para uma costureira, seguindo desenhos técnicos e croquis.

Embora o decote e a aplicação dos botões tenham alcançado resultado satisfatório, a calça reta não ficou tão ampla quanto previsto, evidenciando pequenas diferenças entre o desenho técnico e a execução final. Esse protótipo permitiu identificar ajustes necessários na modelagem para futuras produções, especialmente em relação à proporção da calça e caimento do busto.

**Figura 56-** Macacão Élise (ensaio da coleção)



**Fonte:** Shelps (2025)

### 13.3 LOOK CÉLINE

O segundo protótipo também foi terceirizado e consistiu em um colete rosa combinado com calça cinza (Figura 57), confeccionado em crepe prada. O colete, originalmente transpassado, precisou ser centralizado e abotoado devido à redução do espaço na modelagem, resultando em silhueta mais reta. A aplicação da entretela em toda a frente deixou o caimento rígido, sendo recomendado, para futuras versões, limitar a entretela à gola e lapela ou utilizar uma entretela mais fina.

A gola, inicialmente quadrada, foi arredondada, alterando levemente a identidade visual da coleção. A calça seguiu o modelo previsto, apresentando leve amplitude, e o colete ficou alguns centímetros mais curto, expondo parcialmente a linha de botões da calça. Além disso, não foram aplicados passantes para a faixa da

cintura, dificultando o ajuste da silhueta. Esses ajustes serão considerados nas próximas modelagens.

**Figura 57-** Look Céline (ensaio da coleção)



**Fonte:** Shelps (2025)

#### 13.4 LOOK AVELLE

O terceiro protótipo também terceirizado foi composto por blazer e calça social vinho (Figura 58), confeccionados em crepe prada (lado fosco). O blazer apresentou diferenças na lapela, que foi arredondada, e na gola, que ficou levemente grande e sem pespontos. Os bolsos foram posicionados próximos à barra, alterando a

proporção visual, e a modelagem acabou sendo mais contornada que o planejado, comprometendo a silhueta reta.

A posição dos botões precisou ser ajustada, resultando em apenas dois botões e decote mais aberto. A calça, originalmente reta, apresentou uma variação indesejada, a modelagem flare. O tecido apresentou característica de “repuxar/franzir” nas costuras, exigindo cuidado no acabamento para melhor caimento.

**Figura 58-** Look Avéle (ensaio da coleção)



**Fonte:** Shelps (2025)

13.5 LOOK ORINE

O quarto protótipo consistiu em conjunto de blusa peplum e calça flare rosa clara (Figura 59), confeccionado com acompanhamento integral da autora. Este look apresentou alta fidelidade ao desenho técnico e croqui.

Foi utilizado o lado acetinado do crepe prada, garantindo bom acabamento. As alças de pérolas e o cinto foram aplicados manualmente, com suporte de entretela. A calça flare seguiu fielmente a modelagem planejada. Apesar do tecido apresentar tendência a “repuxar/franzir” nas costuras, o resultado final é satisfatório, consolidando este protótipo como referência para ajustes finais e produção da coleção.

**Figura 59-** Look Orine (ensaio da coleção)



**Fonte:** Shelps (2025)

### 13.6 ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO DE PROTOTIPAÇÃO

Embora os protótipos tenham sido confeccionados por duas costureiras diferentes, ambos apresentaram bons acabamentos. É importante destacar que cada profissional possui sua própria interpretação do desenho, influenciando a modelagem final e ocasionando pequenas variações em relação aos croquis e desenhos técnicos originais.

O tecido crepe prada, apesar de sua gramatura adequada e estética sofisticada, apresenta limitações para a produção de roupas casuais do dia a dia, devido à tendência de franzimento nas costuras. Recomenda-se avaliar tecidos planos alternativos para a produção definitiva da coleção.

Os aviamentos utilizados incluíram entretela, botões (convencionais e de pérola) e zíperes (invisíveis e destacáveis), aplicados conforme planejamento da coleção. Apesar de pequenas divergências em relação à fidelidade aos desenhos técnicos, todos os protótipos respeitaram as proporções petite, garantindo que mulheres desse público, tenham comprimento de barra, comprimento de manga, posição de pences e outras medidas proporcionais corretas.

Outro aspecto relevante a ser destacado refere-se ao processo de produção da minicollection, o qual possibilitou uma compreensão inicial acerca das etapas envolvidas na modelagem, corte e costura. Essa experiência mostrou-se extremamente enriquecedora, pois evidenciou que, além do papel do designer ou diretor criativo responsável pela marca autoral ou pela coleção voltada ao público petite, é fundamental que os demais profissionais envolvidos no desenvolvimento das peças também possuam conhecimento sobre as necessidades específicas desse público-alvo.

Tal entendimento se faz necessário porque não basta que apenas o designer tenha domínio dessas demandas; todos os colaboradores participantes do processo produtivo precisam compreendê-las de forma consistente. Caso contrário, podem ocorrer situações como as observadas nesta coleção, em que, apesar de a costureira ter recebido os desenhos técnicos e todas as instruções necessárias, a falta de experiência prévia na confecção de peças direcionadas a esse segmento resultou em equívocos de modelagem e demais inconsistências já discutidas anteriormente.

Dessa forma, ressalta-se a importância de que todos os profissionais envolvidos em coleções destinadas ao público petite estejam devidamente

capacitados e conscientizados acerca de suas particularidades, evitando-se interpretações generalistas que comprometem o resultado final.

Em síntese, os protótipos permitiram validar modelagens, identificar ajustes necessários e fornecer subsídios essenciais para a produção final da coleção Urban Pearl, assegurando que as peças atendam às proporções e necessidades do público petite. As Figuras 60–65 reúnem imagens do editorial que consolidam visualmente o resultado final da coleção.

**Figura 60-** Ensaio Urban Pearl



**Fonte:** Shelps (2025)

**Figura 61-** Ensaio Urban Pearl



**Fonte:** Shelps (2025)

Figura 62 - Ensaio Urban Pearl



Fonte: Shelps (2025)

Figura 63 - Ensaio Urban Pearl



Fonte: Shelps (2025)

Figura 64 - Ensaio Urban Pearl



Fonte: Shelps (2025)

Figura 65 - Ensaio Urban Pearl



Fonte: Shelps (2025)

## 14 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar o segmento petite no contexto da moda feminina, com ênfase nas especificidades antropométricas de mulheres de baixa estatura, articulando pesquisa teórica, levantamento de dados, desenvolvimento de uma tabela de medidas autoral e a criação de uma coleção de moda voltada a esse público. As análises desenvolvidas ao longo do estudo permitiram compreender a relevância do segmento petite dentro do mercado da moda, especialmente no contexto brasileiro, onde ainda há escassez de estudos, marcas especializadas e produtos adequados às proporções corporais desse grupo.

O percurso teórico-histórico demonstrou que a invisibilidade do corpo petite não se limita à ausência de modelagens proporcionais, mas integra um processo mais amplo de desvalorização simbólica e cultural, marcado por padrões corporais hegemônicos que tendem a excluir e uniformizar diferentes biotipos femininos. Nesse sentido, a moda revela-se não apenas como um campo produtivo, mas também como um sistema de significados que impacta diretamente a autoestima, o pertencimento e a representação das mulheres de baixa estatura.

A discussão acerca da antropometria e da ergonomia evidenciou que as tabelas de medidas convencionais, amplamente utilizadas pela indústria, mostram-se insuficientes para contemplar a diversidade corporal presente na sociedade brasileira. Como consequência, mulheres petite enfrentam recorrentes inadequações de modelagem, desconforto no uso das peças e dificuldades no consumo de vestuário, fatores que contribuem para experiências negativas de compra e reforçam a sensação de não pertencimento ao mercado de moda tradicional.

A análise das marcas nacionais que se propõem a atender esse público revelou avanços importantes, sobretudo no reconhecimento da demanda existente, mas também apontou lacunas significativas. Observou-se que parte dessas empresas ainda carece de tabelas de medidas bem estruturadas e de informações claras sobre proporções corporais, o que dificulta a identificação das consumidoras com os produtos ofertados. A pesquisa aplicada com consumidoras petite corroborou esse cenário, destacando problemas recorrentes como comprimentos excessivos, mangas desproporcionais, posicionamento inadequado de pences e a necessidade frequente de ajustes pós-compra.

Entre os principais acertos deste trabalho, destaca-se a elaboração de uma tabela de medidas autoral, fundamentada em percentis antropométricos e construída a partir de medições reais de mulheres de baixa estatura. Essa tabela configura-se como uma contribuição prática relevante, oferecendo parâmetros iniciais para o desenvolvimento de produtos mais ergonômicos e compatíveis com as proporções do público petite. Além disso, a aplicação dessa base técnica no desenvolvimento da coleção proposta permitiu estabelecer uma relação consistente entre pesquisa, projeto e produto final, reforçando a coerência metodológica do trabalho.

O desenvolvimento da coleção e da prototipação possibilitou, ainda, uma compreensão aprofundada do processo projetual na moda, evidenciando que a criação de peças voltadas ao público petite exige atenção contínua às proporções, desde a concepção do desenho até a execução da modelagem e da costura. Nesse percurso, também se tornaram evidentes algumas dificuldades, especialmente relacionadas à adaptação da modelagem por profissionais que não possuem experiência prévia com esse segmento, bem como às limitações impostas por determinados materiais têxteis. Essas dificuldades, longe de comprometer o trabalho, contribuíram de forma significativa para o amadurecimento do processo e para a identificação de aspectos que demandam maior rigor técnico em etapas futuras.

Ressalta-se, entretanto, que esta pesquisa apresenta limitações, sobretudo no que se refere ao tamanho da amostra utilizada no levantamento antropométrico, o que não permite a generalização dos resultados em escala populacional. Ademais, o mapeamento de marcas concentrou-se em recortes específicos do mercado nacional, podendo haver realidades distintas em outras regiões do país. Ainda assim, tais limitações não invalidam os resultados obtidos, mas apontam caminhos para o aprofundamento de estudos futuros.

Dessa forma, este trabalho configura-se como um ponto de partida conceitual, metodológico e projetual para o desenvolvimento de produtos e marcas voltados ao segmento petite. Espera-se que a pesquisa contribua para ampliar as discussões sobre inclusão, representatividade e diversidade corporal no campo da moda, incentivando novos estudos, práticas projetuais mais conscientes e iniciativas que reconheçam mulheres de baixa estatura não apenas em suas medidas, mas em identidade, autoestima e presença no sistema da moda contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- 163 MODA. *Site institucional*. Disponível em: <https://www.163moda.com.br>.
- ABERGO – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ERGONOMIA. *O que é ergonomia*. Disponível em: <https://www.abergo.org.br>.
- ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normas de vestuário: tabelas de medidas para mulheres*. Rio de Janeiro: ABNT, 2021.
- ALDRICH, Winifred. *Metric Pattern Cutting for Women's Wear*. 5. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.
- ARMASE. *Site institucional*. Disponível em: <https://www.armase.com.br>.
- ATELIÊ 34. *Site institucional*. Disponível em: <https://www.atelie34.com.br>.
- BASTOS, Ana Carolina; SABRÁ, Flávio. *Projeto SizeBR: estudo de caracterização antropométrica da população brasileira*. Rio de Janeiro: SENAI CETIQT, 2014.
- BAXTER, Mike. *Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos*. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.
- BRAGANÇA MOURA, A. *Mulheres petite: como a adaptação do vestuário influencia a experiência do vestir*. *Revista Eixos Tech*, [S. l.], v. 11, n. 7, 2025. DOI: 10.18406/2359-1269v11n72024479. Disponível em: <https://eixostech.pas.ifsuldeminas.edu.br/index.php/eixostech/article/view/479>.
- BRAY, Natalie. *More Dress Pattern Designing*. 4. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- CASTILHO, Kathia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- DONDIS, Donis A. *A sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FLÜGEL, J. C. *The Psychology of Clothes*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1930.
- GONZAGA, Juliana; MARTINS, Suzana Barreto. *Moda, corpo e autoestima: o vestir como construção de identidade*. Florianópolis: UDESC, 2019.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- ITTEN, Johannes. *The Elements of Color*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1970.
- Proceedings*, v. 69, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.iastatedigitalpress.com/itaa/article/17272/galley/15355/view/>.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LÖBACH, Bernd. *Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais*. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

LOJA PRINCIPESSA. Site institucional. Disponível em: <https://www.lojaprincessa.com.br>.

LUA, Joana. *Design de moda e construção da imagem*. Lisboa: BookBuilders, 2014.

MARIOZI, Vanessa Silvia; MENEGUCCI, Franciele. *O estudo ergonômico do corpo petite wear: facilitando o encontro com a moda festa*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 2020, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Blucher, 2020.

MARTIN, Nancy. *A case study on the designer Hannah Troy, who translated couture into American ready-to-wear during the mid-20th century*. University Digital Conservancy, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11299/257101>

MARTINS, Suzana Barreto. *Ergonomia e moda. dObra[s]*, [S. l.], v. 3, n. 7, p. 83–88, 2009. DOI: 10.26563/dobras.v3i7.264. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/264>.

MARTINS, Suzana Barreto. *Ergonomia, design e moda: o conforto do vestir*. Florianópolis: UDESC, 2005.

MITRAUD, Fernanda; KONOPKA, Rosane; ANDRADE, Tânia. *Por que o small size importa? Consumo de moda, corpo e identidade*. *Arte 21*, v. 22, n. 1, p. 66–82, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.62507/a21.v22i1.465>.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NINA MIQUELINE. Site institucional. Disponível em: <https://www.ninamiquelini.com.br>.

RIBEIRO, Paula. *Corpos reais: representações da diversidade feminina na moda contemporânea*. *Revista dObra[s]*, v. 12, n. 27, p. 8–21, 2019.

SANNY. *Medidas antropométricas: o que são, tipos e instrumentos*. Disponível em: <https://blog.sanny.com.br/medidas-antropometricas>.

SHEIN PETITE. Site institucional. Disponível em: <https://m.shein.com/br/category/Petite-sc-00852442.html>. Acesso em: 9 nov. 2025.

THE NEW YORK TIMES. *Hannah Troy, Fashion Designer, Dies at 85*. New York, 21 maio 1986, p. B10. Disponível em: <https://www.nytimes.com>.

TREPTOW, Doris. *Ergonomia aplicada ao vestuário: conforto e modelagem*. Blumenau: Edifurb, 2013.

TREPTOW, Doris. *Inventando moda: planejamento de coleção*. 5. ed. São Paulo: Senac, 2013.

VALLADÃO, Mariah da Silveira; PINHEIRO, Gisela Costa. *Coleção de moda para mulheres de baixa estatura*. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, 7., 2021. *Anais...* [S. l.: s. n.], 2021.

VERSILITTA. *Site institucional*. Disponível em: <https://www.versilitta.com.br>.

WHEELER, Ann. *Pattern Cutting for Fashion Designers*. London: Laurence King, 2012.

FFF

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Formulário sobre moda petite

O formulário a seguir foi elaborado pela autora com o objetivo de coletar informações para a presente pesquisa.

Versão online disponível em: <https://forms.gle/zKmmW4j4Y8R2HdKu9>

#### Formulário sobre corpo petite e a moda

Introdução: Olá, me chamo Camylla e atualmente curso Design de moda na Universidade Federal de Goiás. Este formulário tem como objetivo reunir respostas que ajudarão em minha pesquisa sobre o público feminino petite (mulheres de até 1,60m de altura) e a moda com propósito de criar uma marca autoral focada nesse alvo.

- 1) Qual sua altura? \*
  
- 2) Qual seu peso? \*
  
- 3) Você tem dificuldade para encontrar roupas que se adequem ao seu corpo?  
( ) Sim, tenho dificuldade  
( ) Não tenho dificuldade
  
- 4) Em caso de dificuldade, quais suas maiores queixas em relação às roupas?  
(Ex.: calças muito longas que necessitam ajustar a barra, mangas compridas demais, etc ...)
  
- 5) Onde você costuma comprar roupas?
  
- 6) Qual estilo de roupa é mais difícil de encontrar de acordo com seu tamanho?  
\* (Múltipla escolha)  
  
( ) Casual  
( ) Social

Moda festa

Outro: \_\_\_\_\_

7) Quais peças são mais difíceis de encontrar de acordo com seu tamanho? \*

(Múltipla escolha)

Calça

Camisa

Vestido

Saia

Macacão

Blusa

Outro: \_\_\_\_\_

Qual estilo te representa mais? \* (Única escolha)

Clássico. Peças atemporais, elegantes e versáteis, que valorizam a simplicidade e a sofisticação.

Criativo. Marcado por composições, uma enorme mistura de cores, texturas, estampas e formas.

Elegante. Semelhante ao estilo clássico porém tende a ser mais contemporâneo.

Casual chique. Mix entre descontraído e sofisticado, peças básicas com elementos elegantes.

Básico. Utiliza-se de peças minimalistas e cores neutras, que valorizam o conforto e a versatilidade.

Romântico. Caracteriza-se por peças com silhuetas suaves e elementos femininos.

Boho. Trata-se de uma mistura de estampas, franjas e acessórios artesanais.

Sexy. Estilo com peças sensuais que realçam o corpo, possui decotes, transparência e cortes ousados.

Moderno. Estilo contemporâneo marcado por novidades e tendências da moda.

Dark. Visual mais sombrio, muitas vezes com inspiração no gótico, alternativo ou punk.

8) Você prefere peças lisas ou estampadas \* (Única escolha)

Peças lisas

Peças estampadas

9) Em caso de preferência por peças estampadas, qual estampa você prefere? (Única escolha)

Floral

Listrada

Xadrez

Poá

Animal print

Geométrica

Tropical

10) Com qual frequência você costuma comprar roupas novas? \* (Única escolha)

Frequentemente

Uma vez por mês

Em ocasiões especiais

Quase nunca

Outro: \_\_\_\_\_

## ANEXOS

ANEXO A – Tradução livre da autora do Obituário de Hannah Troy publicado no jornal The New York Times (1993)

Fonte original: LAMBERT, Bruce. Hannah Troy, Fashion Designer, Inventor of Petite Size, Dies at 93. The New York Times, Nova York, jun. 1993. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1993/06/...> Acesso em: 04 nov. 2025.

Hannah Troy, influente estilista e fabricante de moda feminina que inventou o tamanho “petite” e introduziu os estilos italianos modernos nos Estados Unidos, morreu na terça-feira em um hospital em Miami Beach, onde morava. Ela tinha 93 anos. A causa da morte foi um ataque cardíaco, segundo sua família. Suas duas principais contribuições para a moda resultaram do acaso e de uma observação aguçada. “Eu estava em uma loja da May Company, na Califórnia, quando notei mulheres puxando os ombros e as cinturas, e percebi que a maioria dos vestidos não se ajustava corretamente”, ela recordou, referindo-se ao final da década de 1940. “Os ajustes eram trabalhosos e, às vezes, arruinavam o design.” Com a intuição de que o ideal feminino de cintura longa era mais um mito do que realidade, ela estudou as medidas feitas pelo exército em mulheres que se voluntariaram durante a Segunda Guerra Mundial. As estatísticas confirmaram que a mulher típica tinha o tronco curto. Assim, a Sra. Troy introduziu o tamanho petite, dizendo: “A palavra tem uma sonoridade agradável.” O conceito se revelou um sucesso popular.

### O Estilo Italiano

Sua próxima inovação veio em 1951. Após os desfiles anuais de moda em Paris, ela fez uma visita a Florença. Impressionada com as modas locais, comprou amostras e retornou aos Estados Unidos promovendo o chamado “estilo italiano”. Na temporada seguinte, 300 representantes da moda americana apareceram na Itália, e uma nova era começou. Em meados da década de 1960, ela passou a defender o vestido tent dress, para que, segundo ela, “a mulher que é um pouco mais cheinha também possa parecer elegante”. A Sra. Troy descrevia suas criações como “elegantes, um tanto clássicas, atemporais — o tipo de roupa que uma mulher pode continuar usando e complementando ano após ano”. Ela produzia blusas, vestidos, trajes de gala e ternos, preferindo tecidos como seda,

lã, tweed, linho, tafetá e cetim. Sua carreira atingiu o auge entre o final dos anos 1940 e sua aposentadoria em 1968. Ela fornecia roupas para as principais lojas de Manhattan, como Saks, Bergdorf Goodman, Bonwit Teller, Henri Bendel, Lord & Taylor, B. Altman e Bloomingdale's. Entre suas clientes estavam Pat Nixon e Mamie Van Doren. A Sra. Troy, natural do Brooklyn, cresceu no setor de confecção. "Comecei a costurar assim que consegui enfiar uma linha na agulha", dizia. Aos 12 anos, já fazia vestidos para suas irmãs. Na adolescência, foi modelo. Após se formar como oradora oficial (valedictorian) da Erasmus Hall High School, trabalhou em uma empresa de blusas e, depois, abriu o próprio negócio. Ela apoiava instituições de caridade e adotou como causa pessoal a Escola Mazzini, em Florença, depois de saber que alguns alunos pobres se revezavam para ir às aulas porque suas famílias tinham apenas um casaco e um par de sapatos para compartilhar entre os irmãos. A Sra. Troy teve três casamentos — com Aaron Hartman, Theodore Troy e Max Meyer —, todos já falecidos. Ela deixa um filho de seu primeiro casamento, William J. Troy, e uma irmã, Shirley Stern, ambos de Miami, além de dois netos.

ANEXO B – TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA  
DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES  
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO  
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)s autor(a)(es)(as): Camylla Nunes Silva

Título do trabalho: Moda Petite: do estudo à prática na criação de uma coleção exclusiva para corpos petite

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)s autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

**Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Lorena Pompei Abdala, Coordenadora de Curso**, em 25/11/2025, às 18:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camylla Nunes Silva, Discente**, em 03/12/2025, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_a\\_cesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_a_cesso_externo=0), informando o código verificador **5808638** e o código CRC **B3AEFEFC**.